



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CAMYLLLE CALDAS BARRETO DO NASCIMENTO

**ENTRE A POLÍTICA E A ARQUIBANCADA, QUANDO O AVANÇO DA
EXTREMA-DIREITA INVADE OS ESTÁDIOS: Uma análise dos grupos *ultras* do Real
Madrid Club de Fútbol e F.C. Barcelona**

São Cristóvão/SE

2024

Camylle Caldas Barreto do Nascimento

**ENTRE A POLÍTICA E A ARQUIBANCADA, QUANDO O AVANÇO DA
EXTREMA-DIREITA INVADE OS ESTÁDIOS: Uma análise dos grupos *ultras* do Real
Madrid Club de Fútbol e FC Barcelona**

Trabalho de Conclusão de Curso I apresentado ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta

São Cristóvão - SE

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à mainha. A senhora sempre acreditou em mim. Sonhou os meus sonhos como se fossem os seus, ainda que não os entendesse bem. Sou cercada de amor porque aprendi o significado mais puro deste com o amor que recebi da senhora desde o meu primeiríssimo segundo nesse mundo. Agradeço à painho, por sempre ter apoiado e confiado nas minhas decisões, mesmo quando algumas delas implicaram em desistir - porque o senhor sempre soube que toda renúncia é o prelúdio de outra busca. O senhor sempre acreditou em tudo que me propus a fazer e talvez eu não teria feito sem a sua confiança, obrigada por cada vez mais ser um grande amigo, com quem troco figurinha sobre música e futebol, mas também sobre questões mais profundas sobre a vida. Agradeço à Clarinha, minha irmãzinha, que não consigo mencionar sem encher meus olhos de lágrimas. Te agradeço por ter me salvado, Clarinha, eu não existo sem você. Aos meus irmãozinhos Nicole e Rafael, por me impulsionarem a querer ser melhor todos os dias. À vovó e à vovô, os que estão no céu e os que estão na terra, por sempre me impulsionarem meus sonhos e pela alma aventureira que vovó Dédé deixou de herança para mim. Amo vocês!

Ao mesmo tempo que escrevo essa seção de agradecimentos e durante boa parte da escrita deste trabalho, escuto gritos de ‘gol!’ e garotos brincando de futebol no colégio ao lado. É isso que o futebol é, é onde o futebol está: no sonho do garoto em ser jogador de futebol, na peleja praticada com uma bola e dois chinelos no meio das ruas, no botequim lotado das cores do time de coração, na conversa nos terminais, nos ônibus, nas clínicas, em qualquer lugar. No nosso estádio, que carinhosamente chamamos de casa, nos abraços em desconhecidos nas arquibancadas, na chuva de cerveja na hora do gol. O futebol está no coração de milhares, mesmo dividido entre a felicidade e a tristeza, entre a razão e a emoção. O futebol é a história das controvérsias da humanidade, e que graça teria se assim não o fosse? A paixão não reconhece limite, medo ou loucura.

A paixão é o que é. Ao futebol, agradeço por ter sido meu afago e por ter me ajudado a orientar a vida através da paixão. Ao Club de Regatas Vasco da Gama, não só por ter me dado um norte, mas por ter me impulsionado a conquistá-lo, independente de tempestades e lendas. Sem sua existência, o meu despertar pelo futebol nunca teria acontecido. Agradeço pelas portas abertas, pelo acolhimento e por ter feito o meu sangue ser além de brasileiro, nordestino e aracajuano, extremamente vascaíno. Meu coração pulsa as cores da nossa bandeira. Por

respeito, igualdade e inclusão. Meu velho amigo, meu amor mais antigo, agradeço por nossas aventuras.

Agradeço, então, aos meus amigos de arquibancada. Aos amigos do Totalidade Vascaína, obrigada pelos anos de gritaria, raiva e bons momentos que passamos juntos. Em muitos momentos, vocês foram o meu alento no meio de ansiedades que passei durante o curso e no trabalho. Pelas nossas viagens, aventuras, botecos e pela cruz de malta, muito obrigada! Estendo esses agradecimentos aos amigos do Rio, em especial Naiane, Mariana, Karina. Yasmin e Matheus, por todo suporte, amor e recebimento, cada uma de vocês mudou a minha vida de uma forma extraordinária. Ao Vasco, tudo!

Aos amigos do curso, agradeço por tantas histórias compartilhadas nas didáticas e no Moura. Agradeço à Amauri por ser uma grande inspiração, por tantas conversas e pela honra que é ter sua amizade. Sofia e Giulia, por me ouvirem exaustivamente e serem sempre presentes. Daniela, pelas longas conversas nos ônibus e pelos sonhos que compartilhamos, você é muito especial, amiga. Isabelle, Matheus, Felipe e Danilo, por todas as risadas e por acreditarem em mim.

Agradeço à Juliana, por tudo que sonhamos todos os dias durante tantos anos, pelo apoio que recebo, pelo nosso cotidiano, pela luz que você me dá. Beatriz, Isabella e Jessy, pela grande amizade de anos. Vocês me ensinaram o verdadeiro significado de lealdade e amizade. Vocês são as amigas que fazem inveja à Hannah Montana e Lilly. Obrigada! Agradeço ao Leandro, pela história que temos construído juntos, pelo companheirismo e por toda a força do mundo, teria sido muito mais difícil sem você. Agradeço, também, ao meu primo Matheus por sempre ter sido o irmão mais velho que nunca tive.

À minha orientadora, professora Dra. Bárbara, obrigada por ter topado esse desafio comigo, ter escutado meus desabafos e ter confiado em mim, sobretudo, obrigada pelas aulas de Segurança! Estendo meu agradecimento ao professor Dr. Rodrigo, por ter enriquecido minha jornada com suas aulas e com as reuniões do CEURO. Aproveito para agradecer examinadores da banca, pela paciência e enriquecedora presença na apreciação do meu trabalho.

Agradeço à Deus, por ter guiado os meus passos e segurado minha mão. Por fim, agradeço a mim pela força, pela luta, e pelo sonho que me faz persistir.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral identificar a atuação dos grupos *ultras* na Espanha no contexto do fortalecimento e avanço da onda da nova direita no século XXI. Com surgimento datado na década de 90, os grupos *ultras* são torcedores aficionados que se reúnem para dedicação exclusiva ao time de coração, no entanto, a cultura de torcida do futebol começou a emergir como movimento político-social e protagoniza, além de cânticos, baterias e faixas, episódios de violência exacerbada e a promoção de ideologias políticas. Considerando o avanço da extrema-direita nos processos eleitorais espanhóis dos últimos anos e o recente aumento de manifestações racistas, xenofóbicas e machistas nos estádios, o trabalho se propõe a entender o diálogo entre os torcedores *ultras* dos dois maiores clubes da Espanha, sendo o *Boixois Nois*, a principal torcida do FC Barcelona, e os *Ultras Sur*, a principal torcida do Real Madrid.

Palavras-chave: Ultras; Extrema-Direita; Espanha; Ciência Política; Violência;

ABSTRACT

The general objective of this research is to identify the actions of ultra groups in Spain in the context of the strengthening and advancement of the new right-wing wave in the 21st century. With the birth of the movement dated in the 1990s, ultra groups are passionate fans who gather exclusively to support their favorite team. However, the culture of football fans has begun to emerge as a political-social movement and, in addition to chants, drums and banners, features episodes of exacerbated violence and the promotion of political ideologies. Considering the rise of the far-right wing in Spanish electoral processes in recent years and the recent increase in racist, xenophobic and sexist demonstrations in stadiums, this work aims to understand the dialogue between ultra fans of the two largest clubs in Spain, namely Boixois Nois, the main fan base of FC Barcelona, and Ultras Sur, the main fan base of Real Madrid.

Keywords: Ultras; Far -Right; Spain; Political Science; Violence;

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

DANAES - Defesa da Nação Espanhola

UEFA - União das Associações Europeias de Futebol (*Union of European Football Associations*)

FIFA – Federação Internacional de Futebol Associado (*Fédération Internationale de Football Association*)

OBERAXE - Observatório Espanhol do Racismo e da Xenofobia

PP - Partido Popular

PSOE - Partido Socialista Operário Espanhol

RFEF - Real Federação Espanhola de Futebol (*Real Federación Española de Fútbol*)

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Mapeamento da ascensão do nacionalismo na Europa.

Figura II – Rede social oficial do VOX.

Figura III - Donald Trump em discurso político.

Figura IV – Porcentagem de votantes que declararam que a questão Catalã foi decisiva.

Figura V – Fossa dei Leoni, primeiro grupo de ultras italianos. AC Milan.

Figura VI – Boixos Nois no pré-jogo do F.C. Barcelona em 8 de maio de 2021.

Figura VII – A torcida ‘Ultras Sur’ posicionada no fundo do gol.

Figura VII – Faixa do Ultras Sur “Anne Frank é do Atleti”

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Partidas com Relato de Violência Grave.

Quadro II – Clubes espanhóis, ultras e espectros.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I – Eleições gerais na Espanha (1977-2016).

Gráfico II - Agrupamentos políticos dos acusados em % no período 2014-2017.

Gráfico IV – Propostas de sanção no período 14/15 à 22/23.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUTEBOL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	15
2.1 Teoria das Relações Internacionais além do Mainstream: Construtivismo e a Sociologia Política Internacional	16
2.1.1 Construtivismo.....	18
2.1.2 Sociologia Política Internacional.....	20
2.2 FUTEBOL: TRADIÇÃO INVENTADA.....	22
2.2.1 A tradição em chuteiras, bolas e redes: o futebol espanhol.....	24
2.2.2 Subcultura: a emergência do <i>hooliganismo</i> inglês e dos <i>ultras</i> italianos.....	25
3 ESQUEMA TÁTICO DA EXTREMA DIREITA.....	28
3.1 O pós-guerra.....	29
3.2 Da margem ao <i>mainstream</i>: o caminhar da extrema direita na Europa.....	36
3.3 O fim da excepcionalidade espanhola.....	39
4 FUTEBOL: A POLÍTICA POR OUTROS MEIOS.....	45
4.2 Paixão e Política: Os Ultras na Espanha.....	48
4.3 Amor, Raiva e Prazer: O Lugar das Emoções no Estudo dos Ultras.....	51
4.4 <i>El Clásico</i>	53
4.4.1 Barcelona, F.C. Barcelona e os Boxois Nois.....	55
4.4.2 Madrid, Real Madrid e os Ultras Sur.....	57
4.5 Discussão.....	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	6

1 INTRODUÇÃO

Dentre as modalidades esportivas, o futebol é tido como o esporte mais popular do mundo. No Brasil, as quartas à noite e os domingos à tarde são regados pelos 90 minutos de bola rolando. Seja por herança familiar, pelos momentos compartilhados com os amigos, pela raiva efusiva ao ver o time do coração perder, o futebol consegue agregar nostalgia, raiva, alegria, alento, desalento, tristeza e euforia em uma harmonia única que reverbera pelos corações ao redor do mundo inteiro.

Por sua natureza competitiva, não é difícil notar a capacidade do futebol em estreitar ou romper laços, de agir ou não em prol da coesão social, seja no âmbito interno aos Estados, nos campeonatos nacionais, seja na dimensão internacional, em competições globais como a Copa do Mundo ou continentais, como a Copa Libertadores da América na América do Sul, ou a Champions League na Europa.

Ainda que tímido na literatura das Relações Internacionais, o futebol como objeto de estudo enquanto fenômeno social e cultural é uma agenda de pesquisa presente em diversas linhas de pesquisa nas ciências sociais. Não se restringindo à educação física e ao entendimento do futebol como apenas uma modalidade esportiva, as ciências sociais possuem um vasto repertório quando se propõem a analisar o futebol como um dispositivo catalisador para outros fenômenos - ao exemplo do setor econômico.

Nesse setor, o futebol apresenta efeitos desde a exportação de marcas de clubes de futebol, potencializadas internacionalmente com a globalização, até a geração de empregos locais em pequenas cidades. Além disso, setores públicos também são mobilizados, ao exemplo de prefeituras que precisam realizar adequações na mobilidade urbana quando há jogos que incitam o deslocamento de grande número de pessoas em uma cidade, como no Rio de Janeiro, onde há três grandes estádios (Maracanã, Nilton Santos e São Januário)¹ que, juntos, têm capacidade para receber cerca de 2,4% da população da cidade do Rio (cerca de 147 mil pessoas)². Além disso, o esporte é um espaço de disputas sociais onde questões de raça, etnia e conflito de classes são constantemente levantadas, como enfatizado por Galeano (2004),

Na pirâmide social do mundo, os negros estão embaixo e os brancos em cima. No Brasil, chamam isso de *democracia racial*, mas a verdade é que o futebol oferece um dos poucos espaços mais ou menos democráticos onde as pessoas de pele escura podem competir em pé de igualdade. Podem, mas até certo ponto - porque também no futebol uns são mais iguais que os outros. Embora tenham os mesmos direitos, nunca competem nas mesmas condições o jogador que vem da fome e o atleta bem-alimentado. Mas pelo menos no futebol há alguma possibilidade de ascensão social para o menino pobre, em geral negro ou mulato, que só tem a bola como brinquedo: a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar. Talvez ela lhe dê de comer, talvez ela o transforme num herói, talvez em deus. (Galeano, 2004, p. 51)

Ademais, é impossível ignorar um elemento que torna o futebol um evento tão gigante como demonstra ser: a arquibancada. Os clubes se constroem e reconstroem em razão das multidões compostas por suas torcidas apaixonadas. A devoção é tanta que, historicamente, vários grupos de torcedores passaram a se organizar em agremiações com maneiras únicas e organizadas de torcer. As torcidas inglesas e italianas, por exemplo, são tidas como as pioneiras no âmbito desses coletivos de torcedores organizados e existem há décadas. Composto majoritariamente por jovens-adultos, o fenômeno das Torcidas Organizadas de futebol atravessou os anos, é parte do coração da cultura futebolística e, hoje, possui desdobramentos internacionais. Das *barras bravas* argentinas aos *hooligans* ingleses, há um intenso intercâmbio cultural compartilhado entre os grupos, do amor ao clube às reivindicações políticas nacionais e internacionais, além de episódios de violência.

É raro o torcedor que diz: “meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Este *jogador número doze* sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música (Galeano, 2004, p. 15)

O início dos anos 1980 data as origens do fenômeno dos torcedores *ultras* na Espanha, antagônicos aos *peñas*, uma categoria constituída, maioritariamente, por torcedores mais antigos e contrários ao uso da violência (Spaij e Viñas, 2005). Os grupos *ultras* são barulhentos, violentos, volumosos, no caso espanhol, possuem um alto grau de politização. Analisar o comportamento das torcidas é compreender que a história dos clubes pode corroborar para o desenho narrativo adotado pelos torcedores, bem como o contexto político de cada país. As rivalidades entre as torcidas não se constroem somente ao que acontece em campo, mas também é potencializada pela disputa histórica e política numa dialética comumente observada nos cânticos e faixas exibidos nas arquibancadas.

Com esse propósito, optou-se por uma análise mais detalhada dos grupos Boxois Nois, ultras do F.C Barcelona, e Ultras Sur, ultras do Real Madrid, não pela ausência de manifestações politizadas e/ou violentas dos outros grupos de ultras espanhóis, mas pela compreensão de que estes dois, especificamente, são pioneiros e tidos como um modelo para todos os outros grupos espanhóis. A escolha pelo estudo do caso espanhol neste trabalho se dá pelo entendimento de que a Espanha protagoniza um dos casos mais emblemáticos no que diz respeito à interseção entre arquibancada e política, amplificada pela íntima relação do *Futbol Club Barcelona*, o Barcelona, e o *Real Madrid Club de Fútbol*, o Real Madrid, com a Era Franco.

Adicionalmente, parte substancial da literatura englobando as torcidas organizadas centraliza o debate sobre violência e torcidas. Embora esta seja uma discussão presente e indissociável do tema, propõe-se, aqui, uma lente no que concerne às manifestações políticas presentes nos grupos para amplificar a leitura da agência das torcidas, a fim de agregar e expandir o repertório teórico do campo. Para tanto, a análise requer uma revisão das oscilações ocorridas no cenário político espanhol, a fim de intercalar as manifestações nas arquibancadas e as movimentações políticas.

O retrospecto dos governos espanhóis é marcado por uma alternância de poder entre partidos de diferentes ideologias protagonizada, majoritariamente, pelo Partido Popular (PP) à centro-direita, e o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) à centro-esquerda. O ano de 2011 data o fortalecimento da centro-direita com a ascensão de Mariano Rajoy (PP) ao poder, todavia, o governo foi marcado pela sua destituição após um escândalo de corrupção, caracterizando a primeira vez que um primeiro-ministro foi forçado a deixar o cargo desde o estabelecimento da democracia na década de 1970.

O PSOE chegou ao poder em 2018 liderado por Pedro Sánchez e, no decorrer dos anos até a eleição, houve o surgimento de partidos como o Vox em 2013 e o Podemos em 2014, acentuando as disputas políticas entre esquerda e direita, sobretudo no levante e alcance dos discursos advindos da extrema direita, que obtiveram um aumento de apoio significativo nas eleições mais recentes. É no entendimento que os eventos ocorridos entre 2014 e 2023, sob a disputa do PP com o PSOE e nascimento de novos partidos, configuram uma agitação da política interna espanhola que reverbera nas interações sociais entre os ultras, que reside a justificativa do recorte temporal realizado na pesquisa.

Neste trabalho, portanto, busca-se analisar como os grupos ultras se relacionam e podem assumir o papel de agentes de propagação de ideologia através do discurso, de redes de apoio, alianças, ação direta ou indireta de violência, além da mobilização de base, fortalecendo e desempenhando comportamentos comuns à extrema-direita espanhola, que vive à sombra de um saudosismo nostálgico do ditador Francisco Franco. Além disso, para desenvolvimento da presente pesquisa, há a preocupação sobre qual termo será usado ao lidar com o movimento dos grupos de direita no século XXI, de acordo com Mudde (2022), “embora o problema da terminologia pareça uma questão puramente acadêmica, ele é fundamental para o debate público e para a política. Por exemplo, em países como a Alemanha, grupos de extrema direita podem ser banidos, mas grupos de direita radical não”.

Dada a falta de consenso na academia sobre as variações dos grupos e subgrupos à direita, além da necessidade de uma delimitação teórica que configure consistência e coesão à

pesquisa, optou-se, para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso II, o termo “extrema-direita” de acordo com Cas Mudde (2022) na obra “A extrema-direita hoje” que, por sua vez, divide-se em dois subgrupos, a *direita radical* e a *direita ultraradical*. Essencialmente, a direita radical é revolucionária e crente ao poder popular, enquanto a direita ultraradical é revolucionária e rejeita a essência democrática (Mudde, 2022). O capítulo 3 tratará, de forma minuciosa, das discussões sobre a extrema direita na literatura e a sua cronologia no pós-guerra.

Em suma, é válido ressaltar que o futebol não se limita à rivalidade e à competição somente dentro das quatro linhas. Todo o arcabouço sociológico, econômico e cultural que se encontra no campo, ecoa nas arquibancadas e para além delas. Ao desenhar a importância do esporte e, neste caso, do futebol nas Relações Internacionais como um componente integrante e relevante no sistema internacional, além da compreensão dos fenômenos extracampo como políticos, surgiu a inquietação que se transformou na pergunta norteadora desta pesquisa: de que forma se deu a atuação dos grupos ultras do Real Madrid e do Barcelona no contexto do avanço da extrema-direita na Espanha entre 2014 e 2023?

2 FUTEBOL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O relógio marcava o minuto 86, o começo dos quarenta minutos do segundo tempo. A seleção da Argentina enfrentava a seleção da Inglaterra pelas quartas de final da Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) de 1986, sediada no México. Diego Armando Maradona, camisa 10 da seleção argentina, recebe a bola do seu companheiro na intermediária do campo e arranca em direção ao gol. A narração do jornalista argentino Victor Hugo Morales não deixa escapar detalhe algum, “ali tem o Maradona, marcado por dois. Pisa na bola e Maradona arranca pela direita, o gênio do futebol mundial” (YOUTUBE, 2017). Em seguida, Maradona abandona mais um marcador inglês e aos gritos de “gênio! Gênio! Gênio!”, o camisa 10 quebra as linhas de defesa da grande área com o chute a gol que viria a ser conhecido como o “gol do século”.

Em 1982, quatro anos antes da Copa do Mundo de 86, os exércitos da Argentina e Reino Unido se enfrentaram em um conflito armado conhecido como a Guerra das Malvinas. Ainda que Maradona não fosse um combatente de guerra e tampouco os jogadores ingleses fossem soldados, conflitos internacionais se sobressaíram na repercussão do segundo gol argentino. Portanto, de acordo com Montenegro (2021), não evidenciar a contextualização presente nesse evento esportivo é destituí-la da sua parte narrativa. O território em disputa eram os arquipélagos localizados no sul do Atlântico, onde os dois países reivindicavam soberania. A Argentina, por sua vez, saiu derrotada. As recentes feridas e cicatrizes da guerra ainda estavam presentes no imaginário argentino, acirrando a disputa e acentuando a rivalidade (MONTENEGRO, 2021).

Maradona era uma figura emblemática não somente pelo futebol de alta qualidade que praticava, mas também por não se eximir de manifestações políticas. Segundo Da Mota Cordeiro et al. (apud JORNAL DO BRASIL, 1982, p.3) Maradona declarou em entrevista antes da partida a importância da classificação da seleção para a semifinal da Copa, “existe todo um povo argentino humilhado com a rendição de seus soldados nas ilhas do Atlântico Sul esperando que isso [a classificação] aconteça”. Por ironia do destino ou pelo acaso místico típico do futebol, os dois gols que vieram a classificar a Argentina vieram de Maradona, sendo o primeiro gol dotado de outra polêmica. O gol foi feito pela mão do camisa 10, ficando conhecido como “*la mano de Dios*” (a mão Deus). O primeiro gol não escapa ao contexto, visto que para os ingleses o gol de mão representava irregularidade, imoralidade e injustiça, mas para os argentinos, esse gol soava como reparação, como uma justiça divina (MONTENEGRO, 2021).

A narração de Morales após o segundo gol de Maradona expressa a dualidade das narrativas futebolísticas e da comoção argentina após a Guerra das Malvinas, notória pelas perguntas: “de que planeta viestes? Para deixar pelo caminho tantos ingleses, para que o país seja um punho cerrado gritando pela Argentina?” (YOUTUBE, 2017). Se é possível, por um lado, notar a admiração do narrador pela habilidade futebolística de Maradona, por outro, é marcante a comoção situada através do sentimento nacionalista ao lançar um jogo imagem vislumbrando toda uma nação de punho fechado gritando o nome do seu país, desenhando um símbolo de resistência (MONTENEGRO, 2021).

A Copa de 86 ocorre em um contexto internacional marcado pela Guerra Fria, um período marcado no sistema internacional pela corrida armamentista entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS). Neste ano, em particular, aconteceram outros eventos impactantes para as relações internacionais como o Acidente Nuclear de Chernobyl e a implementação de políticas de reconstrução econômica da URSS, a Perestroika, que evidenciaram a fragilidade do bloco soviético. Eventos como os citados e os que se sucederam ao longo da história do mundo promoveram impactos profundos e duradouros na política internacional.

A assinatura da Paz de Vestfália, por exemplo, estabeleceu uma série de diretrizes para definir os princípios e limites territoriais dos Estados modernos. Outro exemplo é a dissolução da União Soviética, que culminou no surgimento de novos Estados e resultou numa reconfiguração significativa no cenário geopolítico. Para além dos exemplos citados, diversas foram as transformações de dimensão internacional que desencadearam uma inquietude crescente no âmbito das Relações Internacionais (RI), campo que se dedica a compreensão e análise dos fenômenos que desenham e reconfiguram o escopo do sistema internacional.

2.1 Teoria Das Relações Internacionais além do *mainstream*: Construtivismo e a Sociologia Política Internacional

As pesquisas das Relações Internacionais procuram fornecer justificativas ou interpretações para o mundo, seus atores e dinâmicas. Dada a característica multifacetada do campo, os paradigmas variam em maior ou menor adesão dos acadêmicos e tomadores de decisão de acordo com os momentos da política internacional (CAMARGO, JUNQUEIRA, 2013). O primeiro grande debate das RI surge, justamente, no contexto dos entreguerras, composto pelo realismo e pelo liberalismo.

O realismo é a teoria dominante nas RI e, de acordo com Dougherty e Pftalzgraff (2003), possuem pontos centrais, sendo eles: 1) a compreensão dos Estados como atores centrais do sistema internacional; 2) o entendimento que a natureza do sistema internacional é caracterizado pelo conflito, isto é, um sistema anárquico onde os Estados lutam por poder, sobrevivência, e tendem ao conflito; 3) os Estados são atores unitários e a política doméstica pode ser separada da política externa; 4) os Estados são atores racionais caracterizados por processos de tomadas de decisão que leva a escolhas baseadas no interesse nacional; e 5) o entendimento da distribuição de poder como a variável mais importante para explicação da conduta dos Estados.

Ainda que as RI tenham como origem a preocupação com o fenômeno e prevenção da guerra no contexto da Primeira Guerra Mundial, o campo de análise atravessou debates e desafios que culminaram na ampliação não apenas do que se é estudado, mas também em como se é estudado. Com o descarte da ideia de que as RI seriam restritas aos Estados junto à expansão da área acadêmica, as RI se definem como “o conjunto de contatos que se estabelecem através das fronteiras nacionais entre grupos socialmente organizados” (SEITENFUS, 2004).

Em conjunto com a evolução da disciplina, o avanço da globalização no século XX, a ascensão dos atores não-estatais e a pluralidade de temas a serem incorporados pelas RI, há um recorte que, embora recente e pouco estudado academicamente pelas RI, tem ganhado cada vez mais força: o esporte e sua relação com a política internacional. Policy-makers e tomadores de decisão passaram a, gradualmente, enxergar o esporte como ferramenta de política externa, como enfatizado por Vasconcelos (2008),

Contemporaneamente, as potências econômicas e, não por raro acaso, também as forças mais expressivas do cenário esportivo mundial, perfilam as questões esportivas entre os pilares de seguimento de suas sociedades nacionais e de sustentação de imagem externa. Nesse contexto, o esporte não é apreciado como pincelada descuidada ou adereço do quadro social, mas, muito ao contrário, integra sua própria moldura e compõe, com traço marcado e harmonizado com a educação, cultura, alimentação, saúde, emprego, renda, produção industrial, transações econômicas internacionais, intercâmbio científico e tecnológico, – alguns desses, por sinal, ingredientes societários do atual Índice de Desenvolvimento Humano –, as imagens e idiosincrasias das nações (VASCONCELOS, 2008, p. 16).

Em primeiro lugar, torna-se imprescindível situar a dimensão da esfera desportiva nas Relações Internacionais e justificar a relevância da escolha pela modalidade do futebol para o desenvolvimento da presente pesquisa. Suppo (2012), ao dissertar sobre o esporte nas Relações Internacionais, pontuou, com base em Milza (1984), que o esporte possui ao menos três dimensões na política internacional, sendo elas: (i) o esporte enquanto componente e reflexo da vida internacional; (ii) um espelho do sentimento público; (iii) dotar de um papel relevante em aspectos essenciais da política externa como, por exemplo, se tornar um instrumento de diplomacia entre os países.

É importante ressaltar que fenômenos da política internacional como a globalização, fronteiras mais permeáveis, junto ao avanço das redes sociais e as disputas ideológicas que moldam e renovam o sistema internacional, também são eventos que impactam e agem na complexidade do mundo do esporte. De acordo com Suppo (2012):

Atualmente, o novo sistema midiático globalizado da chamada “era da informação” é um novo campo de enfrentamento onde ocorre o embate entre os Estados, as empresas transnacionais e os novos movimentos sociais. O poder, num mundo dominado pelo sistema midiático, consiste em grande parte no controle da produção e na manipulação de símbolos que possam seduzir. Dessa forma, o imenso poder de sedução do esporte e seu impacto econômico não podem hoje ser ignorados pelos Estados nem pela indústria cultural. Nesse sentido, a geopolítica do esporte encontra-se no centro das disputas e rivalidades nacionais e internacionais, mas também, paradoxalmente, pode servir como vetor da paz e da cooperação (SUPPO, 2012, p. 420).

Dessa forma, a citação de Suppo (2012) evidencia como elementos além das delimitações de território podem impactar as dinâmicas do sistema internacional, bem como o surgimento da internet e das redes sociais, além do sistema midiático após a globalização. Por conseguinte, a reflexão do autor elenca, também, o poder dos símbolos e das rivalidades nacionais e internacionais presentes na geopolítica do esporte. Ao pensar no fenômeno do futebol como um campo a ser explorado pelas Relações Internacionais, as abordagens propostas pela Teoria Social Construtivista, o construtivismo, e a Sociologia Política Internacional (SPI) mostram-se pertinentes ao incorporar elementos analíticos que contribuem de forma relevante para a pesquisa.

2.1.1 Construtivismo

Ao identificar uma lacuna nos grandes debates das Teorias de Relações Internacionais, a Teoria Social Construtiva, isto é, o construtivismo, surge como um desafio às teorias racionalistas. Com a percepção de que a realidade é socialmente construída, o construtivismo preocupa-se com o papel das ideias, da cultura, das identidades e dos interesses dos Estados (WENDT, 1999). O grande diferencial do construtivismo reside, justamente, na importância dada ao entendimento das ideias como modeladoras de atores e ações na política internacional. (ARMSTRONG, FARREL; LAMBERT, 2007).

Ainda que existam diferentes vertentes dentro do construtivismo, os denominadores comuns dos construtivistas apontam para o papel das ideias na construção da realidade social por um lado, e na mútua constituição entre agentes e estruturas sociais por outro. Nesse sentido, Alexander Wendt (1999) argumenta que as identidades e interesses dos atores são socialmente construídos, em contraste ao neorealismo e neoliberalismo, que tendem a perceber esses

elementos como estáticos. Os construtivistas, então, admitem que as interações sociais moldam as percepções e comportamentos dos Estados.

Dessa maneira, “significados dependem das práticas, habilidades e testes que conectam a comunidade nos objetos representados no discurso” (WENDT, 1999, p. 176). A partir dessas considerações, é possível inferir a compreensão construtivista de que o significado social é moldado pelas interações e práticas pertencentes à uma comunidade, destacando a importância do contexto social na construção dos significados. Ademais, o autor adiciona um outro elemento particularmente pertinente para a discussão: a autoestima coletiva. De acordo com Wendt, “auto-estima coletiva se refere à necessidade de um grupo se sentir bem consigo, por respeito ou status” (WENDT, 1999, p. 236).

Compreendida como uma necessidade básica humana, a autoestima é um dos elementos que os indivíduos buscam em grupos; um ponto chave é entender se as imagens projetadas são positivas ou negativas, o que dependerá, a princípio, da relação com o Outro – uma vez que é assumindo a perspectiva do ‘Outro’ que o ‘Eu’ pode ser visualizado. Nesse sentido, projeções imagéticas negativas tendem a emergir da percepção de desrespeito ou humilhação por outros Estados, que podem ocorrer com frequência em ambientes internacionais altamente competitivos (WENDT, 1999).

A adição do conceito de autoestima coletiva é particularmente interessante ao estudo realizado nesse trabalho, uma vez que projeções e estigmas criados através de eventos que circundam o futebol têm o poder de influenciar na imagem dos países na política internacional. O Brasil, por exemplo, é internacionalmente conhecido como o “país do futebol”, valorizando o estilo brasileiro de jogar diferente dos demais devido à sua agilidade e fluidez que, por sua vez, estão conectados com elementos da cultura brasileira como prática da capoeira e o samba. Ainda na América Latina, a Argentina tem sido alvo de acusações constantes de racismo, tanto em comportamentos de arquibancadas, quanto dos próprios jogadores da seleção argentina (BBC News, 2024).

Campeã das duas últimas edições da Copa América, o título de 2024 conquistado pela Argentina ficou marcado por um episódio em que os jogadores argentinos, na celebração da vitória, usaram cânticos racistas e homofóbicos. Javier Milei, atual presidente de direita da Argentina, se manifestou sobre o caso através da rede social X alegando que “nenhum governo pode dizer à Seleção Argentina, Campeã Mundial e Bicampeã da Copa América, o que dizer, o que pensar ou o que fazer” (BBC NEWS, 2024).

Por outro lado, o então subsecretário de Esportes da Argentina, Julio Garro, afirmou em entrevista local que o episódio “é algo que nos deixa numa má posição como país”. A

reincidência de comportamentos, cânticos e dizeres racistas, xenofóbicos, homofóbicos e machistas também está tão presente na arquibancada da Espanha que o futebol tem sido frequentemente associado a esses episódios. Um dos palcos escolhidos para realização da Copa do Mundo de 2030, a Espanha tem sido contestada, justamente, pelos frequentes casos de racismo. Segundo o Globo Esporte (2024), o atleta Vinícius Jr., jogador do Real Madrid, pediu que a Copa do Mundo de 2030 não fosse realizada na Espanha caso o país não evoluísse no combate ao racismo.

Para Rebecca Adler-Nissen (2014), tem se observado um aumento do uso do envergonhamento para promover normas internacionais. A autora argumenta que se a estigmatização funciona na política internacional como em outras esferas da vida, devemos reconhecer que os estados que são incapazes ou não estão dispostos a se conformar aos padrões “normais” não são meramente objetos de uma socialização fracassada. Em vez disso, os Estados são agentes ativos e capazes de lidar estrategicamente com a vergonha que são submetidos e, em alguns casos, podem até desafiar um discurso moral dominante a usar seu estigma como um distintivo de honra. Por conseguinte, a autora apresenta três estratégias de como os Estados podem lidar com os estigmas elencadas por Goffmann, sendo estes: 1) o reconhecimento do estigma, quando os Estados aceitam e tentam alinhar o estigma imposto; 2) a contra-estigmatização, quando os Estados aceitam o estigma e o transformam em um símbolo de orgulho; 3) a rejeição do estigma, quando se questiona e nega o estigma imposto.

No caso Espanhol, se torna fundamental entender como a sociedade, o interesse nacional e as autoridades lidam com o estigma. Conforme o que foi estudado sobre o construtivismo, é possível notar a pertinência da teoria para explicar o fenômeno do nacionalismo, um sentimento coletivo oriundo das interações sociais que atravessam uma verticalidade composta pelos clubes, sociedade e torcidas. Destacam-se, a priori, os seguintes clubes espanhóis: 1) Real Madrid Club de Fútbol, com o nacionalismo espanhol; 2) FC Barcelona, com o nacionalismo catalão; 3) Athletic Bilbao, com o nacionalismo basco.

2.1.2 Sociologia Política Internacional

Para além do arcabouço teórico que nos permite analisar o comportamento dos Estados, o conjunto de elementos que os eventos que o futebol proporciona uma ótica que permite analisar dinâmicas domésticas e internacionais que movem debates caros e pertinentes às RI, bem como a questão construção da identidade nacional (WELDES, 1996; WENDT, 1999), o nacionalismo (HOBSBAWN, 1990), a produção de violência e conflito transnacional, a

autoestima coletiva além de implicar importantes, ainda que recentes nas RI, debates como afetos e emoções.

O construtivismo obteve êxito ao trazer o “social” como uma dimensão constitutiva da estrutura do sistema internacional, ocasionando uma expansão de toda uma corrente de estudos de segurança dedicada à pesquisa sobre “difusão de normas”, desenho institucional, securitização, humanitarismo etc. (NOGUEIRA, 2024). No entanto, essa variante do construtivismo sofreu críticas destacando como a teoria preserva a estrutura do sistema de Estados em sua concepção do internacional e mantém as linhas e fronteiras que o distinguem de outros níveis da vida social e política (NOGUEIRA, 2024, *apud* Guzzini e Leander, 2006).

Nesse quesito, há um ponto de inversão na SPI: o ponto de partida são as relações sociais propriamente ditas. Ao invés de pensar o social como substância da sociedade (do estado e da anarquia), a sociologia crítica o pensa como um espaço de relações que produz distribuições em torno das quais surgem conflitos (NOGUEIRA, 2024).

A Sociologia Política Internacional também se destaca ao propor uma reflexão inovadora sobre o “social” nas relações internacionais. Abordagens que introduzem conceitos como “sociedade”, “interação social”, “socialização”, “ação social”, entre outros, tornaram-se prevalentes nos debates teóricos da área, em particular após o advento do construtivismo como uma alternativa – altamente influente – ao então paradigma dominante (NOGUEIRA, 2024).

Para Bigo (2005), a SPI é construtivista na medida em que seus autores são reflexivos e desconstruem pretensões essencialistas de conhecimento, de forma semelhante ao pós-estruturalismo, e é empirista uma vez que seus autores são sensíveis às práticas dos seres humanos, os indivíduos, e às suas relações com os objetos, iniciando suas teorias a partir de relações sociológicas e históricas. De acordo com essa concepção, a IPS permite pensar as relações sociais identificadas no tema de pesquisa desde o nível local, como as interações entre os diferentes grupos de torcedores organizados e seus respectivos clubes, além do nível internacional, como a difusão desse conjunto de regras que definem o ‘ser torcedor organizado’ à projeção externa, os encontros desses grupos de diferentes países em competições continentais e mundiais, além da imagem atrelada aos Estados devido à produção de violência ou quaisquer outros comportamentos advindos dos seus grupos.

Para tanto, compreendemos que a abordagem da Sociologia Política Internacional (SPI) é de grande importância para a proposta do estudo, uma vez que a SPI buscou articular uma visão que problematizasse o internacional a partir de questões costumeiramente fora do escopo disciplinar das RI (NOGUEIRA, 2024). Essa abertura, então, permitiu que métodos e conceitos da sociologia, da teoria política, da história, da geografia, enfim, de outras áreas das Ciências Humanas possam compor o instrumental teórico-analítico do pensamento crítico internacional

(NOGUEIRA, 2024). De acordo com Bigo e Walker (2007), a abordagem da Sociologia Política Internacional (SPI), com efeito, trata questões não apenas sobre as relações entre Estado e sociedade nacional/internacional, mas também sobre filosofias conflitantes da história e entendimentos concorrentes da relação mutável entre prática social e autoridade política.

2.2 Futebol: Tradição Inventada

Para compreender os elementos que compõem uma nação, entender as tradições é um processo indispensável e valioso para a compreensão global das interações sociais tanto no nível interno, quanto à projeção ao nível internacional. Ritos, tradições, hábitos e costumes são elementos marcadores de estereótipos, muitas vezes ampliados e reconhecidos internacionalmente. O Brasil, por exemplo, é popularmente visto como o ‘país do futebol e do samba’ e, de fato, é a nação berço de grandes nomes do futebol mundial, bem como Pelé, Romário, Ronaldo Nazário, entre outros. Os fenômenos culturais corroboram para construções narrativas que reforçam o sentimento de pertencimento e de coesão social.

É sob essa lógica que Hobsbawm fala sobre a influência das tradições inventadas na construção da identidade nacional. Considerando a importância dos símbolos, ritos e a dinastia que o futebol tem a capacidade de fazer perdurar por anos e ecoar nas inúmeras gerações de torcidas desde a fundação dos clubes e da prática futebolística concebida como conhecida atualmente. O conceito de ‘tradição inventada’ cunhada por Hobsbawm (1997) no livro “A invenção das tradições” revela-se particularmente pertinente, permitindo explorar nuances do processo que liga as manifestações de arquibancada ao arcabouço que compõe a ideia de nação.

Hobsbawm (1997) entende a tradição inventada como um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras ou abertamente aceitas, “de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 1997, p. 9). De tal forma, a tentativa de continuidade deve ser feita de acordo com um passado histórico apropriado, e não de forma arbitrária. Para o autor, o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno, além da tentativa de modernizar alguns aspectos da vida social até então imutáveis é o que torna a questão da ‘invenção da tradição’ um tópico particularmente interessante para os estudiosos da histórica contemporânea (HOBSBAWM, 1997).

A manutenção de elementos como a língua falada, a bandeira e símbolos nacionais são exemplos pertinentes para a manutenção das tradições de uma nação, ao mesmo passo que tendem a se adaptar as mudanças da modernidade de forma a adentrar as massas. No que diz

respeito aos esportes, Hobsbawm (1997) afirma que a adesão ao esporte como um culto proletário de massa é confusa, todavia, indubitavelmente rápida. Ressaltando o fenômeno da cultura do futebol na sociedade inglesa, Hobsbawm traça uma cronologia:

Entre meados da década de 1870, no mínimo, e meados ou fins da década de 1880, o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com as quais estamos familiarizados: o profissionalismo, a Confederação, a Taça, que leva anualmente peregrinação os fiéis à capital para fazerem manifestações proletárias triunfantes, o público nos estádios todos os sábados para a partida do costume, os “torcedores” e sua cultura, a rivalidade ritual, normalmente entre facções de uma cidade ou conurbação industrial (Manchester City e United, Notts County e Forest, Liverpool e Everton). Além disso, ao contrário de outros esportes com bases proletárias locais ou regionais – tais como o rugby union, no Sul de Gales, o críquete, em certas áreas do norte da Inglaterra - futebol funcionava numa escala local e acional ao mesmo tempo, de forma que o tópico das partidas do dia forneceria uma base comum para conversa entre praticamente qualquer par de operários do sexo masculino na Inglaterra ou Escócia” (HOBSBAWM, 1997, p. 296-297).

Ao abordar o período entreguerras, Hobsbawm destaca futebol em se tornar um símbolo expoente da luta nacional e da identificação da população com a nação, se espelhando nos doze jogadores do time nacional, “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação. (HOBSBAWM, 1997, p. 171).

No livro “Nações e Nacionalismo desde 1970”, Hobsbawm argumenta que a facilidade com que indivíduos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no “que todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz” (HOBSBAWM, 1997, p.171) fez com que o esporte se tornasse um meio eficaz em inculcar sentimentos nacionalistas. De todo modo, embora a discussão sobre a invenção das tradições tenda a indicar que tais processos se deram por uma interação verticalizada, isto é, do Estado ao povo, Hobsbawm (1997) ressalta que essa movimentação também se dá pela projeção que parte do povo ao Estado, como a identificação nacional ocasionada e cultivada pelos grupos de torcedores.

2.2.1 A tradição em chuteiras, bolas e redes: o futebol espanhol

Bem como a tendência global, o futebol é o esporte mais popular da Espanha. A principal competição nacional espanhola, a *Liga Nacional de Fútbol Profesional*, a La Liga, se situa dentro das principais ligas europeias e desperta interesse dos entusiastas de futebol no mundo inteiro. Desde nomes do futebol contemporâneo como Lionel Messi, considerado um dos melhores jogadores de todos os tempos, Cristiano Ronaldo, um dos maiores artilheiros das

Copas do Mundo, até jogadores históricos como Maradona, Di Stéfano, Zidane, tiveram passagens no futebol espanhol.

Os grandes jogadores no futebol espanhol é um dos fatores que o tornam notável, todavia, o elevado grau de politização que há nos estádios ao redor da Espanha desperta interesse, particularmente durante o período que o território espanhol estava sob a ditadura instaurada por Francisco Franco após a Guerra Civil Espanhola. De acordo com a professora Tereza Gonzáles Aja (2002),

o futebol formava parte do tecido social e político da ditadura [...] seu impacto na vida diária durante o franquismo está na visão de todos. O futebol dominava quase completamente a vida esportiva do espanhol médio, chegando a se denominar “o esporte rei (AJA, 2002, p. 192).

Quando comparado a outros aspectos da vida espanhola, o futebol recuperou-se rapidamente tanto em termos econômicos quanto à sua potencialidade em angariar torcida, se equiparando ao nível anterior à Guerra Civil. Argumenta-se, então, que o futebol desempenhou uma espécie de válvula de escape para o espanhol médio que almejava mitigar as adversidades do cotidiano, se tornando, assim, um entretenimento para as massas, e não uma criação do franquismo (GOIG, 2007).

No âmbito das massas que compõem as torcidas, a referência aos grupos ultras é indispensável. As arquibancadas espanholas contam com a presença dos ultras, grupos radicais tão intimamente ligados à política de alianças e rivalidades costumam se acentuar de acordo com a ideologia adotada. Em meio à devoção e paixão, os cânticos tomam coro nas arquibancadas e, em inúmeros casos, acabam dando espaço para expressões de homofobia, racismo, xenofobia, entre outros discursos de ódio.

Os principais clubes do país e, conseqüentemente, da *La Liga*, protagonizam a maior rivalidade espanhola. O duelo é conhecido como *El Clasico* e tem suas raízes ainda no contexto da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), composta pelo *Fútbol Club Barcelona*, sediado na capital da comunidade autônoma da Catalunha, e pelo *Real Madrid Club de Fútbol*, situado na capital da comunidade autônoma de Madrid. Os clubes têm como principais *ultras* os grupos *Ultras Sur* do Real Madrid, e *Boixois Nois* do FC Barcelona. É necessário compreender, ainda, que a história particular de cada clube espanhol não sai ilesa a todo o desdobramento político-ideológico da Espanha.

Se por um lado o Real Madrid representava os interesses nacionalistas, tendo sido instrumentalizado por Franco como um dos símbolos dos valores espanhóis, por outro, o FC Barcelona estava ao lado dos interesses republicanos e da resistência Catalã. Em 1936, Josep Suñol, então presidente do FC Barcelona, foi assassinado a tiros por tropas franquistas e, apesar

do trágico acontecimento, o clube seguiu defendendo os interesses catalães a ponto de se tornar um dos atores mais importantes na história e defesa da Catalunha. Não à toa, adota a frase: *Barça, més que un club* (BARCELONA FC, 2018). Dita pelo presidente Narcís de Carreras, em 1968, a frase explicita como o clube ultrapassa a esfera esportiva e adota uma forte identificação com a Catalunha, tornando-se porta voz e defensora dos interesses catalães.

Enquanto o Barcelona se tornava uma voz de oposição à Franco após seu triunfo na Guerra Civil, o Real Madrid iniciava o seu período mais vitorioso. Entre 1939 e 1975, o Real Madrid ganhou 15 títulos da *La Liga*, 6 títulos da *Copa Del Rey*, cinco títulos consecutivos da Taça dos Campeões Europeus (a atual Liga dos Campeões da UEFA), entre outros (REAL MADRID, 2024). De tal maneira, o prestígio do clube madrilenho era bradado e visto como um recorte da superioridade espanhola e dos valores nacionalistas, comumente associados à capital Madrid como o coração da Espanha. Após a morte de Franco, a Espanha lentamente se abriu para influências estrangeiras e, em 1982, realizou a Copa do Mundo, evento que configurou um marco na cultura do futebol espanhol por impulsionar o surgimento de torcedores que iam além da forma tradicional de torcer, tendo as primeiras agremiações de torcedores organizados, os *peñas* (SPAAIJ, VIÑAS, 2005).

2.2.2 Subcultura: A Emergência do *Hooliganismo* Inglês e dos *Ultras* Italianos

Antes de abordarmos o impacto desses movimentos nas manifestações de torcida no futebol espanhol, é preciso situar e compreender os movimentos de torcedores organizados ao redor do mundo, destacando como se deu a emergência dos primeiros grupos, o crescimento dos que ganharam maior destaque no futebol mundial e mapeando os respectivos contextos históricos desses grupos, como o surgimento dos *Hooligans* na Inglaterra, os *Ultras* da Itália e, por fim, os *Ultras* na Espanha. Ao refletir sobre a torcida como um elemento essencial do futebol, Galeano (2019) destaca o processo em que o futebol deixa de ser apenas uma modalidade esportiva para ser, também, um espetáculo para as massas.

No futebol, como em tudo mais, são muito mais numerosos os consumidores que os criadores. O cimento cobriu os campos baldios onde qualquer um podia jogar uma pelada a qualquer momento, e o trabalho devorou o tempo do jogo. A maioria das pessoas não joga, mas vê os outros jogarem, pela televisão ou da arquibancada cada vez mais longe do campo. O futebol se transformou, como o carnaval, em espetáculo para massas. Mas assim como no carnaval há os que se põem a dançar na rua além de contemplar os artistas que cantam e dançam, também no futebol não faltam os espectadores que de vez em quando se fazem protagonistas, pela pura alegria, além de olhar e admirar os jogadores profissionais (GALEANO, 2019, p. 87).

Com base na citação de Galeano, é possível identificar a importância indispensável que as torcidas assumem no universo do futebol. Se sem bola não há a prática do futebol, sem a torcida, o fenômeno do futebol como o esporte mais popular do mundo não seria possível.

Apesar de cada grupo ter suas devidas particularidades, há pautas e comportamentos internacionalmente compartilhados, como o uso exacerbado da violência, a disputa territorial interna às cidades e as ideologias políticas. Uma vez realizada a discussão que permite compreender o modo de funcionamento desses grupos de forma geral, o presente capítulo terá como foco o surgimento do fenômeno dos agrupamentos de torcedores, a emergência desses grupos na Espanha, além das relações políticas, dos atos de violência e o lugar das emoções no que diz respeito ao estudo do fenômeno dos torcedores.

Há uma vasta pluralidade nas formas de torcer e a torcida, em si, costuma ser um fenômeno homogêneo. Ainda que as arenas e estádios possuam divisões internas, diferentes camadas sociais se tornam um corpo único que pulsa, grita, se movimenta em conjunto. O sentimento de pertencimento e união tomam forma e voz, ecoado pelos cânticos e pelas baterias. Na etimologia do verbo “torcer”,

A etimologia de ‘torcer’ vem do latim torqueo, torquere, ‘torturar’, ‘atormentar’, e também ‘sustentar’, ‘suportar’. É este último sentido que prevalece em francês (*supporter*) e inglês (*to support*), vindos do baixo latim *supportare*, ‘sofrer’, ‘ajudar’, ‘sustentar’. Em italiano, o verbo *tifare* deriva de *tifo*, ‘entusiasmo’, ‘paixão’, ‘fanatismo’, todos vocábulos de sentido essencialmente religioso e com forte conotação emotiva vinda do original grego *thyós*, ‘furor’. [...]. Em espanhol, *aficionar* decorre de *afición* (por sua vez do latim *affectionis*, ‘afeto’), palavra que indica ao mesmo tempo ‘amor a alguma pessoa ou coisa’ e ‘torcida’. Em alemão, o termo escolhido para o aficionado oscila entre o laço social e o laço afeito: *Anhänger*, ‘partidário’, ‘adepto’, pertence à família lexical do verbo *anhängen* (‘ser ligado por afeto’, ‘estar preso a’), dos substantivos *anhang* (‘apêndice’, ‘séquito’, ‘família’) e *Anhänglichkeit* (‘afeição’, ‘lealdade’), dos adjetivos *anhänglich* (‘fiel’) e *anhängen* (‘afeiçoado a’). (FRANCO JR, 2007, p. 294).

Do francês *supporter* ao italiano *supportare*, o ato de torcer e a torcida possuem elementos singulares. É fora das quatro linhas e dentro dos estádios – espaços estes que muito se assemelham, vale sublinhar, aos anfiteatros e coliseus, como o emblemático Coliseu de Roma, palco de intensos combates entre gladiadores – que a mágica da torcida acontece. A lógica das quatro linhas muito se aproxima da *arte da guerra*, comungando de um campo semântico que mescla elementos como a organização defensiva, ofensiva, o uso da força, e possuindo personagens estratégicos como o capitão e o artilheiro.

O eco da batalha cuja principal arma é uma bola ressoa nos cânticos de fervor, paixão, raiva e amor através das inúmeras baterias e vozes presentes nas arquibancadas, gerando uma unidade coletiva de apoio ao time. Poucos são os elementos capazes de quebrar essa

consonância; no entanto, é exatamente na ruptura desta consonância, ou seja, em compreender como alguns grupos específicos criam rivalidades para além dos espaços futebolísticos e adotam uma orientação política que o presente capítulo se debruça.

3 ESQUEMA TÁTICO DA EXTREMA DIREITA

Demokratia. Assim é o termo que remete ao primeiro surgimento da democracia compreendida como "governo do povo" e está estreitamente relacionado ao desenvolvimento intelectual da Grécia Antiga, sobretudo, nas atividades filosóficas e políticas desenvolvidas na cidade-estado de Atenas. Na modernidade, o ideal democrático perpassa pelo direito dos cidadãos de participar do debate público de forma coletiva. De acordo com Robert Dahl (1997), o processo de democratização reside na ampla competição e no direito à participação política.

No entanto, elementos como o sufrágio universal, tido como um dos maiores pilares do ideal democrático e do direito à participação política, somente foi alcançado gradualmente e após extensas mobilizações. Para Joseph Schumpeter, autor que se opõe à corrente clássica da democracia, o bem comum é, na verdade, o bem comum da maioria, uma vez que cada indivíduo tem seu próprio desejo, logo, a ideia do governo do povo é inalcançável. De acordo com Schumpeter (1984), "o povo, como povo, não pode jamais governar ou dirigir realmente".

A democracia sofreu diversos entraves ao longo da história mundial, desde o enfrentamento de regimes como o absolutismo e até os regimes totalitários, a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Com o fim da Segunda Guerra (1945) e a derrocada dos países do Eixo, o nazismo e os movimentos associados à extrema direita começaram a ser deslegitimados e proibidos em escala global. Além disso, grupos de extrema direita foram profundamente desencorajados, uma vez que o ideal democrático era o mais conclamado e os pensamentos antidemocráticos estavam no cerne de concepções do que não deveria acontecer novamente.

Após o fim da Guerra Fria, o mundo passou por uma onda de democratização e sensação de estabilidade internacional, com o espírito de que este período seria, então, o "fim da história" (Fukuyama, 1992), tendo a democracia liberal e a consolidação hegemônica dos Estados Unidos como o suprassumo da organização política e econômica dos Estados e do sistema internacional. O breve resgate acerca do debate que circunda o sistema democrático é um caminho interessante a ser traçado, uma vez que os grupos da extrema direita não caíram por completo no ostracismo e passaram por um processo de retomada de espaço, voz e articulação política de tal maneira que, atualmente, conseguiram eleger figuras políticas do alto escalão, como chefes de Estado e de governo.

Esses grupos, por sua vez, costumam questionar normas democráticas, deslegitimam processos eleitorais, dificultam o diálogo democrático por acentuarem polarizações e, bem como a democracia se espalhou em escala global após a Guerra Fria, a crescente da extrema

direita a partir do século XXI não é um fenômeno exclusivo a um único Estado, mas presente em inúmeros países e diferentes continentes, desafiando, justamente, a vigência da ordem democrática. O presente capítulo se debruça, precisamente, a entender como se deu o fluxo das ondas da extrema direita no momento histórico do pós-guerra até a contemporaneidade, do seu desencorajamento até a nova ascensão, realizando um panorama sobre o contexto europeu e, em seguida, enfatizando o quadro político da Espanha.

3.1 O Pós-Guerra

Inúmeros são os debates encontrados na literatura que se esforçam para compreender as diferentes configurações e crescimento dos movimentos de extrema direita, comumente associados ao nazismo e ao fascismo, ao longo da história nas sociedades ao redor do mundo (ABRAHAMSEN ET AL, 2020; FRASER, 2019; MUDDE, 2022; PAXTON, 2007; TRAVERSO, 2017). A extrema direita, apesar de diversa, carrega traços ideológicos e preocupações políticas comuns, entre elas estão presentes pautas como: o antissemitismo, o racismo, a imigração e a segurança pública (MUDDE, 2022).

O presente capítulo foca na discussão dessas pautas com base em Mudde (2022) e, para além delas, investiga como o nazismo e o fascismo, enquanto movimentos históricos, além do nativismo¹ e do autoritarismo, enquanto elementos que compõem o movimento, se manifestam e influenciam as pautas centrais, principalmente, da quarta onda da extrema direita cuja definição será mais bem explorada. Para entender o processo que se desenhou do pós-guerra até a contemporaneidade, Mudde (2022) disserta sobre três ondas da extrema-direita pós-guerra, de 1945 até 2000, e a quarta onda a partir do século XXI.

A primeira onda é a do Neofascismo (1945-55) e se refere aos grupos fascistas que permaneceram fiéis à causa, ainda que nas margens da sociedade. Ocorreu imediatamente após a derrota do fascismo e teve que se adaptar à realidade democrática, uma vez que a extrema direita foi altamente rejeitada nesse período. A adaptação se deu por duas vias, a adoção de uma postura apolítica ou a tentativa de enquadrar suas atividades de forma democrática através dos partidos políticos. Esses grupos não apresentavam nada novo, se tratando de fascistas “que continuaram leais à velha ideologia, e que se organizaram primordialmente em clubes e

¹ Nativismo: argumenta que os países devem ser habitados, exclusivamente, pelos membros do grupo nativo, isto é, a nação. Dessa maneira, todos os elementos estrangeiros, sejam pessoas ou ideias, configuram uma ameaça (Mudde, 2022).

associações similares, oferecendo camaradagem e apoio aos heróis e mártires da causa fascista” (MUDDE, 2022, p. 31).

O populismo de direita (1955-80) configura a segunda onda, em que os grupos começaram a crescer não através da defesa ideológica, mas em oposição às elites do pós-guerra, às condições das periferias rurais e ao desenvolvimento do Estado de bem-estar social. Mudde (2022) destaca, ainda, o surgimento de um movimento de direita, na década de 1970, que tinha como premissa realizar a releitura do legado deixado pelo revolucionário Antônio Gramsci, a então chamada *Nouvelle Droite* francesa.

Assim como Gramsci, a *Nouvelle Droite* argumentava que a mudança revolucionária ocorre não somente pelo parlamento tradicional ou pela confrontação extraparlamentar, mas também por meio de uma “guerra de posição” (Abrahamsen et al, 2020). No discurso da nova direita, essa guerra de posição é normalmente referida como uma “metapolítica” que, de acordo com Guillaume Faye, é a difusão social de ideias e valores culturais a fim de provocar profundas mudanças de longo prazo e transformação política (Faye, 2011, p.190 apud Abrahamsen et al, 2020). Mudde (2022) pontua, ainda, que alguns dos partidos à direita na segunda onda eram híbridos, isto é, uma combinação da antiga extrema direita com as novas ideias da direita radical que, por sua vez, compõem a terceira onda.

A terceira onda, então, é composta pela direita radical (1980-2000) e constituiu a primeira movimentação significativa da extrema direita na Europa Ocidental, potencializada pelo desemprego e imigração em massa. Partidos da direita radical começaram a adentrar e ganhar espaço nos parlamentos nacionais combinando elementos como o autoritarismo e o populismo (MUDDE, 2022). Nos Estados Unidos, o populismo de direita ganhou expressão como parte do movimento anticomunista e ganhou força em 1968, sob a campanha presidencial de George Wallace, que tinha uma agenda abertamente racista e defensora da segregação racial. É válido mencionar que Wallace foi o único candidato de um terceiro partido a alcançar vitória eleitoral em qualquer estado dos EUA no pós-guerra, tendo alcançado o pleito de vencer em cinco estados (MUDDE, 2022).

A vitória de Wallace fazia parte de um movimento mais amplo de oposição à dessegregação racial nos antigos estados confederados, o qual incluía a infame Ku Klux Kan (KKK) – organização que já havia aparecido duas vezes anteriormente, no final dos anos 160 e nos anos 1920, e que agora somava cerca de 50 mil membros em sua terceira encarnação, e mais respeitável Conselho dos Cidadãos, cujos número de associados se aproximava dos 250 mil (MUDDE, 2022, p. 35)

De todo modo, é preciso situar que, apesar da recente e forte influência do nazismo e do fascismo nas três ondas pontuadas – neofascismo de 1955 a 1955, populismo de extrema direita

de 1955 a 1985, e a direita radical de 1980 a 2000 - alguns autores não compreendem os movimentos extremistas à direita como, necessariamente, nazistas e/ou fascistas (PAXTON, 2007; TRAVERSO, 2017). Para Paxton (2007), por exemplo, as experiências históricas do fascismo seguem, necessariamente, os seguintes estágios: a emergência, o enraizamento político, a chegada ao poder, o exercício de poder e um período mais extenso que tende à radicalização ou entropia. Ao dissertar sobre a possibilidade de o fascismo ressurgir após a Segunda Guerra Mundial, Paxton (2007) afirma que

Um possível renascimento do fascismo passou a enfrentar novos obstáculos após 1945: a crescente prosperidade e a globalização aparentemente irreversível da economia mundial, o triunfo do consumismo individual, o declínio da disponibilidade da guerra como instrumento de política nacional para os grandes países da era nuclear, a redução da credibilidade da ameaça revolucionária. Todos esses desdobramentos do pós-guerra sugerem a muitos que o fascismo, tal como floresceu na Europa entre as duas guerras mundiais, não poderia voltar a existir depois de 1945, pelo menos não da mesma forma (PAXTON, 2007, p. 285)

Portanto, Paxton (2007) coloca em dúvida a classificação dos partidos da extrema direita contemporânea como fascistas, uma vez que estes partidos necessitariam atravessar todos os estágios e, neste caso, teriam a globalização como um forte impasse ao considerar que a arquitetura e ordenamento do sistema internacional já não é o mesmo que anteriormente. Ao tratar sobre a Alemanha após o período nazista, o célebre autor Theodor Adorno, na sua obra “*Aspectos do Novo Radicalismo de Direita*”, argumenta que a dissolução da identificação da população com o regime nazista em 1945 não ocorreu e nunca foi de fato destruída, nesse sentido, Adorno afirma que “agrupamentos políticos sobrevivem a sistemas e catástrofes” (Adorno, 2020, p. 56). Considerando os movimentos passíveis de identificação com o nazifascismo ao redor do globo, Adorno salienta

[...] claro que em toda assim chamada democracia do mundo observa-se algo desse tipo, com intensidade variada, mas somente enquanto expressão de que a democracia, no que concerne ao conteúdo (o conteúdo socioeconômico), até hoje não se concretizou real e totalmente em nenhum lugar, tendo permanecido como Balgo formal. E, nesse sentido, poderíamos caracterizar os movimentos fascistas como as feridas, as cicatrizes de uma democracia que até hoje ainda não faz justiça a seu próprio conceito. (ADORNO, 2020, p. 50 e 51)

Ainda, ao admitir a possibilidade do ressurgimento do fascismo ainda que não nos moldes do fascismo histórico, Paxton (2007) afirma que o “fascismo do futuro não teria que ser uma semelhança perfeita com o fascismo clássico”. De maneira semelhante, Enzo Traverso (2017), ao reconhecer o crescimento da direita radical no século XXI, enfatiza que conceitos como o *fascismo*, além de indispensáveis para pensar a experiência histórica, também podem

ser usados para compreender novas experiências que estão ligadas ao passado. Traverso (2017), dessa forma, propõe uma nova leitura desse período de ascensão da direita radical.

Em resumo, o conceito de fascismo parece ser inapropriado e indispensável para compreender essa nova realidade. Portanto, chamarei o momento atual de um período *pós-fascismo*. Esse conceito enfatiza sua particularidade cronológica e o localiza em uma sequência histórica marcada tanto pela continuidade quanto pela transformação; certamente, ele não responde a todas as questões que foram abertas, mas enfatiza a realidade de mudança (TRAVERSO, 2017, p. 12)

Na virada do século, então, há o início da quarta onda. De acordo com Mudde (2022), o que diferencia a quarta onda da terceira é a integração da extrema direita, isto é, a alocação desses ideais ao *mainstream* da agenda da política internacional, além da heterogeneidade desempenhada pelo espectro da direita. Dessa maneira, é possível identificar uma espécie de rede de conexão estratégica transnacional em que políticas da direita radical têm avançado cada vez mais no discurso e prática, uma vez que esses grupos são liderados por populistas responsáveis por mover um arcabouço de ideias que atingem o ressentimento público. Nessa quarta onda, a extrema direita capitalizou política e eleitoralmente a partir de três crises: os ataques terroristas de 11 de setembro, a recessão econômica de 2008 e a crise dos refugiados em 2015 (MUDDE, 2022).

As tensões geradas pelo gerenciamento do sistema de bem-estar social europeu frente à crise econômica e a questão migratória transformam o território europeu em um ambiente propício à discursos nacionalistas e à intensas mobilizações dos partidos de direita (MARCHI; BRUNO, 2016). Ao dissertar sobre as causas do recente êxito da extrema direita, Mudde (2022) desenha um debate sobre as motivações dos seus eleitores definindo duas possibilidades, sendo elas: 1) razões culturais, ou 2) razões econômicas.

As motivações culturalistas se sustentam na defesa de que os eleitores de extrema direita se manifestam, principalmente, à questão da imigração em massa acentuada pela globalização neoliberal e, em consequência, a ascensão das sociedades multiculturais (MUDDE, 2022). Nessa perspectiva, esses eleitores entendem que a imigração é uma ameaça à manutenção da identidade cultural local. A dimensão cultural e identitária funciona com uma espécie de pano de fundo para o realinhamento geopolítico internacional dos atores da extrema direita europeia (MARCHI; BRUNO, 2016).

Já desde as últimas décadas do século XX é possível encontrar três correntes diferentes internas à extrema-direita: uma fortemente anti-islâmica e apoiante do Estado de Israel como baluarte do Ocidente no Médio Oriente; outra hostil à ocidentalização do mundo, alegadamente levada a cabo pela aliança entre sionismo e americanismo, e, portanto, apoiante das resistências islâmicas, na sua vertente tanto religiosa (o irão komeinista, os Hezbollah libaneses), como laica (Nasser, Saddam Hussein, Muammar Gaddafi, Bashar al-Assad); uma terceira corrente equidistante

tanto do Estado de Israel como do mundo muçulmano, por considerá-los ambos corpos extrâneos e inimigos da Europa (MARCHI; BRUNO, 2016, p.12)

Após a crise dos refugiados em 2015, mais dois eventos provocaram uma agitação na política internacional: a vitória do plebiscito com decisão favorável à saída do Reino Unido da União Europeia, o *Brexit*, e a vitória de Donald Trump nas eleições dos Estados Unidos (MIGUEL, 2021). Sendo este último um episódio que marca uma guinada antidemocrática em um país que orgulhosamente se autointitula democrático e liberal.

O movimento da extrema direita também alcançou a América Latina. No Brasil, o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016 e, em sequência, a eleição de Jair Bolsonaro (PSL) em 2018 consagram um fortalecimento da extrema direita no país. Militar reformado do exército brasileiro, Bolsonaro era figura politicamente ativa desde o período da transição democrática e “se notabilizou pela defesa da tortura e de outras atividades incompatíveis com a legalidade democrática” (CALDEIRA, p.15, 2020).

No que diz respeito às razões econômicas, o argumento sustenta que o voto direcionado à extrema direita é uma resposta ao stress econômico é provocado pela globalização neoliberal, “sejam esses eleitores objetivamente pobres ou simplesmente se sintam pobres, eles são tidos como os perdedores do jogo da globalização, os quais se manifestam contra as privações relativas ou absolutas que sofrem” (MUDDE, 2022, p. 127).

O debate econômico perpassa ao entendimento do modelo econômico liberal como o cerne do problema. Para autores mais críticos como Nancy Fraser (2019), a crise democrática se trata de uma crise da hegemonia ideológica neoliberal que, no entanto, não tende a ameaçar a ordem econômica vigente, já para Robert Kurz (2020), o autor célebre da teoria crítica de valor,

A lógica interna de dominação do sistema democrático de mercado expulsa repressivamente e, em seguida, produz como reação, ao invés de uma nova crítica emancipatória, um eco assassino de si mesma. A democracia e o radicalismo de direita se correspondem como gêmeos siameses, conectados internamente através do sistema circulatório do processo de valorização abstrato de suas coerções surdas. Toda democracia produz como reação imanente ao fim do processo de modernização, com regularidade lógica, o novo radicalismo de direita em qualquer de suas variações. (KURZ, p. 34, 2020.)

Para Kurz, portanto, o sistema democrático regido pela economia liberal produz o seu próprio inimigo: os movimentos da extrema direita. Logo, o atual molde da democracia liberal estaria fadado ao efeito cíclico da crise democrática advinda do radicalismo de direita. De acordo com Mudde (2022), ainda que as razões culturais e as razões econômicas sejam muito mais complementares do que opostas, a reação culturalista predomina sobre a aflição

econômica, “poucos eleitores de extrema direita são influenciados apenas pela aflição econômica, enquanto muitos eleitores votam exclusivamente por conta da reação culturalista”.

Além disso, a extrema direita do século XXI divide-se em dois grupos centrais: a direita radical e a direita ultraradical (MUDDE, 2022). Em princípio, se faz necessário mencionar que a direita ultraradical costuma exibir percepções divergentes entre os seus muitos grupos. Hierarquia e distinção no meio social são valores celebrados – e aqui têm-se o ideal de que “alguns indivíduos e grupos são superiores aos outros e, portanto, devem usufruir de maiores poderes” (MUDDE, 2022, p. 44). Contudo, apesar do ideal basilar ser a superioridade, existem diferentes entendimentos acerca da essência que advém do poder. Alguns acreditam que a base do poder é o sangue, outros afirmam que são as diferenças raciais, há aqueles que acreditam que o poder emana de escrituras sagradas.

Para Mudde (2022), a mais importante ideologia associada à direita ultraradical é o fascismo, uma ideologia sincrética que incorpora elementos de diversas tradições antidemocráticas de direita e de esquerda. Do Fascismo italiano – que de acordo com o autor, geralmente é representado por letra maiúscula – tem-se a ideologia de que o líder tem um poder soberano, representando uma simbiose entre o Estado e a nação. O Estado não é, portanto, apenas uma instituição jurídica, mas uma entidade que em sua totalidade demanda lealdade e submissão. Na submissão, todos os aspectos pessoais são controlados pelo governo, sem espaço para independência, atrelado ao repúdio à democracia – em seu lugar, o Fascismo apresenta o corporativismo, que vai além do liberalismo e do socialismo.

Por seguinte, ao compartilhar de muitas características do fascismo italiano, o fascismo alemão – também conhecido como nacional-socialismo ou nazismo, se mostra demasiado preconceituoso e fundamentalmente racista e antisemita. De acordo com Mudde (2022), enquanto os fascistas acreditavam que o Estado era a sua principal entidade, os nazistas acreditavam na supremacia da raça com base em categorias biológicas: existem diferentes raças e a raça ariana é superior às demais. Essa superioridade dá direito à dominação e ao extermínio.

O antissemitismo e o racismo foram altamente difundidos e aceitos na sociedade alemã até o início do século XX. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e com a exposição dos seus horrores, o racismo se tornou intolerável na maior parte dos lugares – e em alguns países até ilegal. Com ele, o conceito de raça ou ainda da existência de diferentes raças e a sua superioridade sobre as outras foi majoritariamente refutado. Contudo, quando a raça passou a não desempenhar um papel central, os subgrupos radicais passaram a adotar termos majoritariamente não biológicos, utilizando grupos étnicos e nações (MUDDE, 2022).

Um grupo de ativistas de direita radical conhecido como *nouvelle droite*, composto em sua maioria por franceses, desenvolveu uma nova ideologia que denominavam etnopluralismo. Censurado pelos críticos como um mero *novo racismo*, o etnopluralismo defende que os povos estão divididos em grupos étnicos e que, apesar de serem todos iguais, esses grupos devem permanecer separados. De forma implícita ou explícita, o etnopluralismo transformou-se em um traço ideológico fundamental para a maioria dos grupos relevantes da direita radical europeia de hoje (MUDDE, 2022, p. 46).

Isto posto, o racismo não sucumbiu. Ele está presente na direita ultraradical com os neonazistas e supremacistas brancos, e até mesmo com políticos da direita radical. Talvez por influência do nazismo, uma das principais características da extrema direita e da direita populista radical contemporânea seja o nativismo.

Para Mudde (2022), o nativismo é uma combinação entre o nacionalismo e a xenofobia. Essa ideologia defende que os países devem ser habitados exclusivamente pelos nativos, assim, todos estrangeiros (pessoas ou ideias) são ameaçados pelo Estado-nação homogêneo. Apresenta-se o mesmo ideal com uma nova roupagem; nada de novo. No interior do nativismo, o antissemitismo e a islamofobia desempenham papéis importantes – o antissemitismo, preconceito dirigido contra os judeus, era o preconceito mais pujante da extrema direita no século XX, já a islamofobia, isto é, o medo irracional do Islã e dos muçulmanos, configura um preconceito determinante da quarta onda da extrema direita (MUDDE, 2022).

É válido situar que, no guarda-chuva da quarta onda, dois eventos provocaram uma agitação na política internacional: a vitória do plebiscito com decisão favorável à saída do Reino Unido da União Europeia, o *Brexit*, e a vitória de Donald Trump nas eleições dos Estados Unidos em 2016 (MIGUEL, 2021). Sendo este último um episódio que marca uma guinada antidemocrática em um país que orgulhosamente se autointitula democrático e liberal. Isso posto, é pertinente observar que o movimento da extrema direita não se restringe ao continente europeu e alcançou a América Latina. No Brasil, por exemplo, o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016 e, em sequência, a eleição de Jair Bolsonaro (PSL) em 2018 consagram um fortalecimento da extrema direita no país. Militar reformado do exército brasileiro, Bolsonaro era figura politicamente ativa desde o período da transição democrática e “se notabilizou pela defesa da tortura e de outras atividades incompatíveis com a legalidade democrática” (CALDEIRA, p. 15, 2020).

Por fim, a extrema direita partilha de um ódio comum contra imigrantes, negros, mulheres, entre outros grupos com valores diferentes aos julgados superiores por esses grupos. No âmago das sociedades nacionais, o discurso de ódio se junta à prática e, nesse encontro, é possível observar a construção de uma identidade comum que orienta indivíduos, grupos, organizações, além de movimentos sociais e grupos das subculturas, como os *skindheads* e as

torcidas organizadas de futebol. Neste último grupo, em particular, é possível notar a potencialidade que o âmbito esportivo possui em transformar as arquibancadas em palco para expressões políticas, instrumentalizando a visibilidade e a coletividade advindas daquela atmosfera para reverberar a narrativa ideológica adotada por aquele grupo, além de frequentes atos de violência.

3.2 Da Margem ao *Mainstream*: O Caminhar Da Extrema Direita na Europa

O avanço da extrema-direita no continente europeu é um fenômeno que conta com múltiplos fatores, sejam eles econômicos ou sociais. Como já mencionado, a crise econômica instaurada em 2008 e a crise migratória de 2015 são dois eventos catalisadores para intensificar o ceticismo quanto ao projeto de integração europeu, a União Europeia (UE), para aumentar a tendência de políticas nacionalistas, anti-imigratórias e xenofóbicas. Em 2018, oito países da UE eram governados por partidos da extrema direita com características nacionalistas e xenófobas, sendo estes a Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Itália, Polônia, Hungria e Eslováquia.

Quando falamos de fascismo, não há ambiguidade sobre o que falamos, mas as novas forças da direita radical são um fenômeno heterogêneo e composto. Elas não têm as mesmas características em todos os países, nem mesmo nos da Europa: da França para a Itália, da Grécia para a Áustria, da Hungria para a Polônia e a Ucrânia, elas têm pontos em comum, mas são muito diferentes umas das outras (TRAVERSO, 2021, p. 13).

Um caso emblemático no continente europeu tem como cenário a França, com a família Le Pen e o partido Frente Nacional (FN). A FN foi fundada em 1972 por Jean Marine Le Pen e hoje é presidida pela sua filha, Marine Le Pen, responsável por triplicar o número de militantes (SILVA, 2014). De acordo com Traverso (2021), a FN foi capaz de aglutinar várias correntes da extrema direita, nacionalistas e católicos fundamentalistas, *poujadistas*² e colonialistas nostálgicos da Argélia francesa.

Nas eleições presidenciais francesas de 2017, Marine Le Pen chegou ao segundo turno com quase 34% dos votos, insuficiente para derrotar seu opositor, Emmanuel Macron, mas o suficiente para intensificar a clivagem entre esquerda e direita no território francês. Para Traverso (2021), ainda

² *Poujadismo*: movimento de extrema direita que surgiu na década de 1950, na França. O *Poujadismo* exibia diversas características do fascismo, como o personalismo forte e o antiparlamentarismo virulento. Esse movimento chegou a contar com 400 mil membros em 1955 e conquistou 52 assentos parlamentares nas eleições de 1956 (MUDDE, 2022).

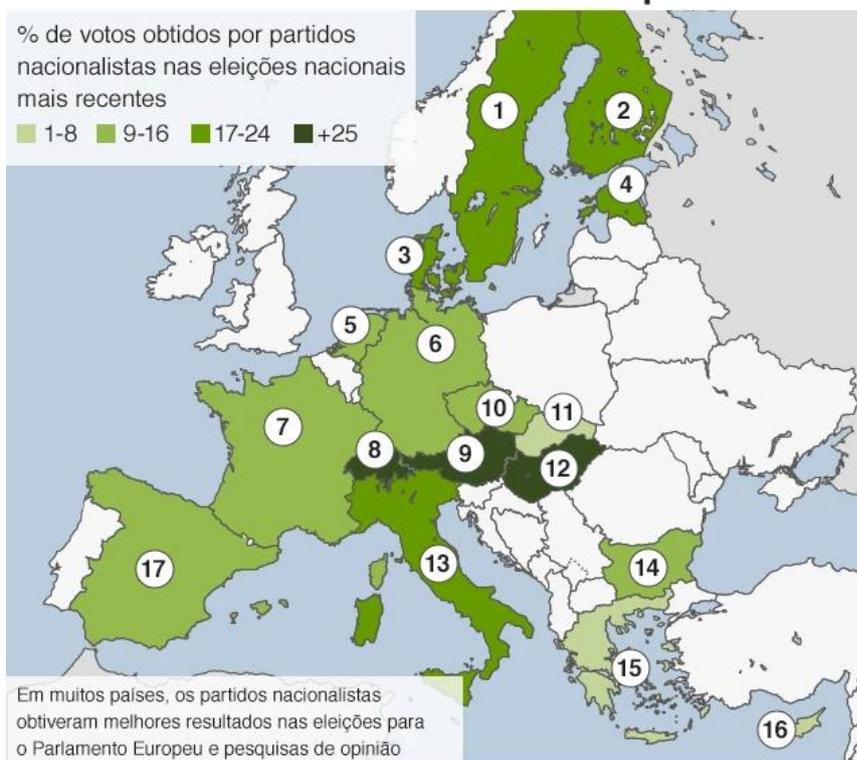
Marine Le Pen já não é uma fascista, mas também não se converteu à democracia: permanece no equilíbrio entre os dois polos. Já não é uma fascista, em um mundo que não aceita a ideologia, a linguagem e as práticas do velho fascismo, mas os fantasmas do fascismo continuam a cercá-la. Tampouco é uma democrata, porque suas palavras mostram que sua conversão à democracia é instrumental, não é sincera nem autêntica. (TRAVERSO, 2021, p. 38)

Na Alemanha, destacam-se os partidos Partido Nacional Democrata Alemão (NPD), criado em 1964, sendo uma agremiação antissemita, xenófoba e racista, e o partido A Direita, criado em 2012, que prega a “preservação da identidade alemã” (Silva, 2014). Além dos dois partidos citados, há o partido Alternativa para Alemanha (AfD), fundado em 2013. O AfD foi o primeiro partido a entrar no Bundestag desde a Segunda Guerra Mundial e, com quase 13% dos votos em 2017, enfraqueceu de forma significativa a chanceler Angela Merkel, forçando a revisão das políticas a favor dos imigrantes e refugiados (Traverso, 2021). Na mais recente eleição europeia, realizada no início de setembro de 2024, o AfD celebrou um ‘sucesso histórico’, conquistando quase um terço dos votos, nove pontos acima dos conservadores do CDU e significativamente a frente dos três partidos que formam a coalizão federal que governa a Alemanha atualmente (BBC News, 2024).

Na Itália, o partido Liga Norte, criado em 1989 após a união de seis movimentos independentes, defende a separação das regiões do Norte da Itália. Destacando a relevância das empresas do Norte e a produção de riquezas, a Liga Norte acusa o Sul italiano de ‘parasitismo’ e culpa os imigrantes de ocuparem seus postos de trabalho (Silva, 2014). Na figura 1, é possível visualizar o aumento significativo da tendência nacionalista na Europa e presença de partidos como o AfD, a FN e a Liga Norte, respectivamente, na Alemanha, França e Itália.

Figura I – Mapeamento da ascensão do nacionalismo na Europa

Ascensão do nacionalismo na Europa



- | | |
|--|---|
| ① Suécia
Democratas Suecos 17,7% | ⑩ República Checa
Liberdade e Democracia Direta 11% |
| ② Finlândia
Partido dos Finlandeses 17,7% | ⑪ Eslováquia
Nossa Eslováquia 8% |
| ③ Dinamarca
Partido Popular Dinamarquês 21% | ⑫ Hungria
Fidesz 49%, Jobbik 19% |
| ④ Estônia
Partido Popular Conservador 17,8% | ⑬ Itália
Liga 17,4% |
| ⑤ Holanda
Partido pela Liberdade 13% | ⑭ Bulgária
Patriotas Unidos 9% |
| ⑥ Alemanha
Alternativa para a Alemanha 12,6% | ⑮ Grécia
Aurora Dourada 7% |
| ⑦ França
Agrupamento Nacional 13% | ⑯ Chipre
ELAM 3,7% |
| ⑧ Suíça
Partido Popular Suíço 29% | ⑰ Espanha
Vox 10,3% |
| ⑨ Áustria
Partido da Liberdade 26% | |

Atualizado em abril de 2019

BBC

Fonte: BBC News (2019)

Em suma, com base nos exemplos aqui citados, é possível perceber que o avanço da extrema direita na Europa está alçado no aumento significativo de aderência aos valores, principalmente, nacionalistas e xenofóbicos, além do racismo e machismo também presentes. Isso posto e na compreensão de que o avanço dos movimentos de direita não se trata de um

fenômeno isolado, esta pesquisa se concentrará em entender o crescimento da extrema direita na Espanha, o seu particular conjunto de fatores e seus principais expoentes.

3.3 O fim da excepcionalidade espanhola

Ao longo século XX, a Espanha sofreu com seguidas crises econômicas, sendo a maior delas em consequência da eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), agravada após o crash da bolsa de valores de Nova York, em 1929. Diversas greves sindicais surgiram pelo país e, durante o período da Segunda República Espanhola (1931-1939), a Espanha passou por um período de intensas reformas políticas e sociais, com uma intensa disputa política entre grupos à esquerda e grupos à direita e, inclusive, com a eclosão da monarquia.

Em resposta, a extrema direita e as elites iniciaram o movimento da Falange Espanhola, conhecido como Falange. Dentre os pontos que guiavam os princípios do movimento, é válido destacar dois: a defesa do nacionalismo espanhol e o combate aos movimentos separatistas. Com o apoio da Alemanha nazista e da Itália liderada por Benito Mussolini, os membros da Falange promoveram um golpe de Estado em 1936. Tal instabilidade política culminou na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), um intenso conflito que englobava grupos republicanos, comunistas, socialistas, além de fascistas, monarquistas e nacionalistas que tinham como principal liderança o general Francisco Franco.

Em 1939, a Guerra Civil Espanhola terminou com a vitória dos falangistas e a ascensão de Franco como chefe de Estado da Espanha. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Franco enviou tropas à Alemanha nazista como sinal de agradecimento e, portanto, ao fim da Segunda Guerra, a Espanha sofreu embargos e isolamento impostos pelos Aliados. Como consequência dessas medidas, a crise econômica e política já existente no país se agravou. A Era Franco durou até 1975, com o falecimento do general.

Esse período foi marcado por forte apelo pela “única identidade nacional possível”, a espanhola e, como consequência, forte repressão à manifestação de outras identidades como a catalã e a basca, dessa maneira, acentuando rivalidades regionais dentro do território espanhol. Várias foram as movimentações da ditadura franquista a fim de promover uma unidade do sentimento nacionalista espanhol, além de desviar das denúncias de violações aos direitos humanos e autoritarismo - uma dessas principais movimentações realizadas foi, justamente, a instrumentalização do futebol como uma ferramenta política.

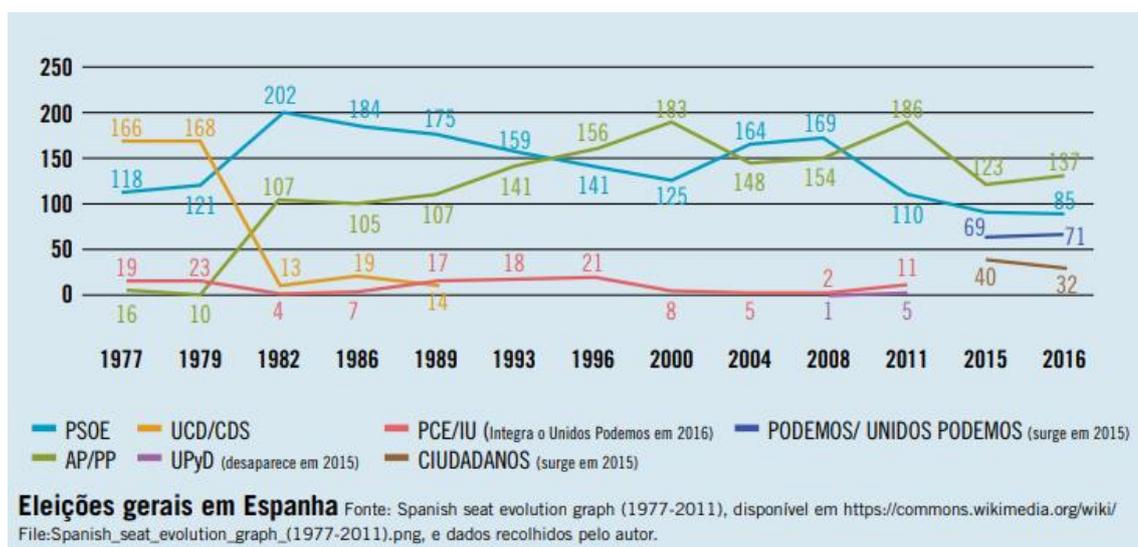
Ao longo da história, a extrema direita manteve seus laços estreitamente conectados com a ditadura franquista. No sentido oposto às outras direitas europeias que, desde os anos 70, marcadas pelo nascimento da *Nouvelle Droite*, tiveram um aumento substancial no apoio

popular e na política, a extrema direita espanhola não soube se manter no patamar de relevância (ÁLVARES-BENAVIDES, 2019).

A extrema direita espanhola não havia tido uma evolução importante, limitando-se a diferentes formações neofranquistas e neonazistas pouco coesas e mais visíveis em eventos esportivos, como o futebol, ou em acontecimentos isolados, do que na arena política ou social. Mas, nos últimos anos, coincidente com a crise econômica, podemos ver uma mudança importante com o surgimento de novos grupos de extrema direita (Álvares-Benavides, p.59, tradução nossa, 2019).

As décadas seguintes persistiram marcadas pela ausência de coesão e apoio popular à direita. Nos anos 80, a Espanha foi governada por maiorias absolutas de um só partido, como o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), nos anos de 1982, 1986, 1989, à esquerda. Somente em 2000, o Partido Popular (PP), tradicionalmente à centro-direita, alcançou maioria absoluta, tendo repetido o feito novamente em 2011 (Romão, 2017). Ademais, os governos espanhóis também foram marcados por seis maiorias relativamente robustas, sendo elas compostas pela União do Centro Democrático (UCD) em 1977 e 1979, PSOE em 1993, 2004 e 2008, e o PP em 1996 (ROMÃO, 2017).

Gráfico I – Eleições gerais na Espanha (1977-2016).



Fonte: Romão (p. 2, 2017).

Com base no Gráfico I, é possível notar que o PSOE e o PP costumavam manter um número alto de assentos nas eleições gerais espanhola e, a partir de 2015, há uma mudança significativa com o surgimento de partidos como o *Podemos* e o *Ciudadanos*, os quais em conjunto somaram 109 de 350 assentos totais. Se a Espanha, até então, não havia realizado um aceno expressivo à extrema direita, bem como seus vizinhos europeus, tal cenário começou a mudar em 2018. Nas eleições regionais de Andaluzia, o Vox, partido da extrema direita com forte influência franquista, começou a ganhar visibilidade e força. Já nas eleições gerais de 2019 passou a ser o terceiro partido em termos de apoio eleitoral e número de assentos no Congresso,

tendo 15% dos votos e 52 assentos de 350 (RAMA, CORDERO e ZAGÓRSKI, 2021). Esse cenário marca o fim da predominância bipartidária protagonizada pela alternância de poder entre PSOE e PP na Espanha, além do marco substancial do endosso e crescimento da narrativa radical de direita no país.

Apesar da emergência dos partidos citados como o Ciudadanos e o Podemos, o capital político acumulado pelo partido Vox e suas consequências para a sociedade espanhola constituem a preocupação primeira deste trabalho, uma vez que é a partir do surgimento do Vox que a imunidade espanhola frente aos movimentos de extrema direita se encerra. Tendo em vista a dificuldade enfrentada pela direita em se realocar politicamente e socialmente, o ganho de assentos e espaço político promove uma mudança significativa na Espanha, favorecendo a sensação de liberdade e conforto ao disseminar discursos e atos de ódio contra imigrantes, mulheres e negros. É possível notar um aumento nos comportamentos preconceituosos, por exemplo, em espaços futebolísticos.

Além disso, outro fator que se soma como elemento potencializador do crescimento da extrema direita espanhola é a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. O estudo realizado pelos autores Stuart J. Turnbull-Dugarte e José Rama (2022), argumenta que a vitória de Donald Trump em 2016, nos Estados Unidos, impactou no sucesso dos partidos de extrema direita na Europa, compreendendo o potencial dos efeitos de *spill-over* da extrema direita estadunidense. Outros trabalhos apresentam evidências fortes de que o sucesso de Trump engatilhou um aumento da disseminação do racismo no exterior (Turnbull-Dugarte, Rama, 2022 apud Giani and Meón, 2021), e em comportamentos anti-imigratórios (Turnbull-Dugarte, Rama, 2022 apud Halikiopoulou and Vandas, 2020).

Observa-se que há, de fato, um claro espelhamento das estratégias adotadas por Trump no partido espanhol. O slogan adotado pelo Vox em seu surgimento continha os dizeres “*Hacer España Grande Otra Vez*”, bem como o clamar por “*España, Lo Primero*”, similar às frases de efeitos adotadas por Trump, “*Make America Great Again*” e “*America First*”. A ver figuras 2 e 3.

Figura II – Rede social oficial do VOX.



Fonte: Página Oficial VOX na plataforma X (2024).

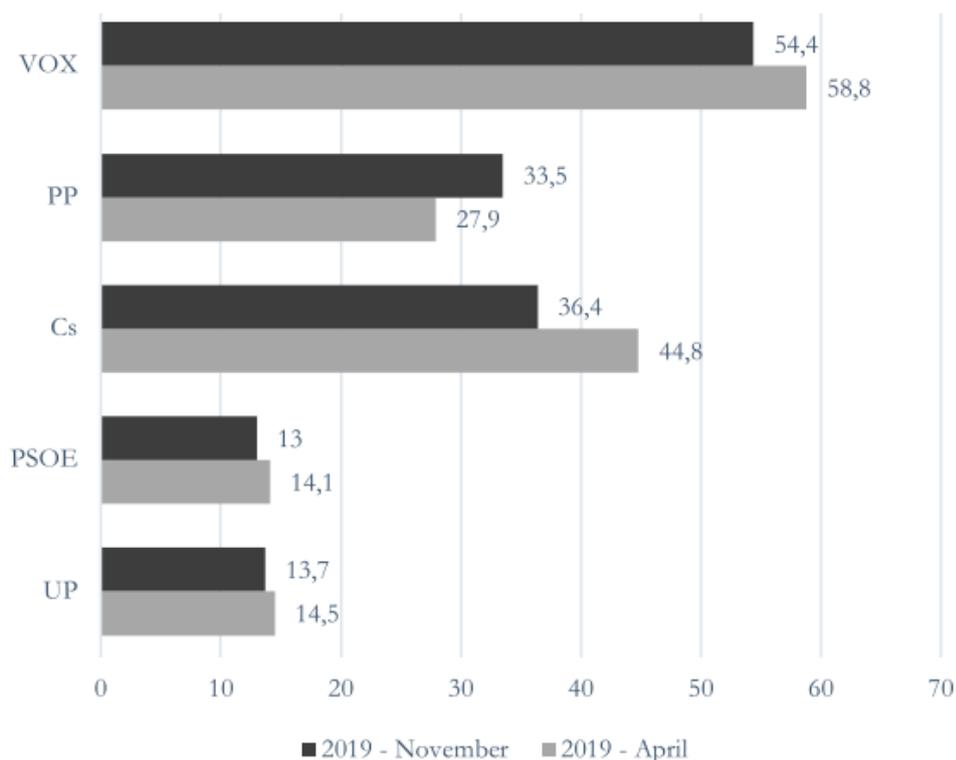
Figura III - Donald Trump em discurso político.

Fonte: *Brendan McDermid/Reuters/Landov* (2015)

Outro momento decisivo para o êxito da ascensão do Vox e da extrema direita na Espanha foi a crise política sobre o processo de independência da Catalunha em outubro de 2017. Mariano Rajoy (PP), então presidente do governo espanhol, respondeu ao referendo de independência realizado pelo governo catalão invocando o Artigo 155 da Constituição e, com isso, corroborou para uma acentuação da polarização e tensões territoriais por todo o país. Para os eleitores de direita, a ocasião criou uma oportunidade política para o Vox se firmar e ganhar presença na mídia, se apresentando como o único – essa, no entanto, se trata de uma visão distorcida, uma vez que os partidos PP, *Ciudadanos*, PSOE e Podemos também se opõe ao separatismo catalão (RAMA; CORDERO; ZAGÓRSKI, 2021).

O Vox, no entanto, diferente dos outros partidos, não defende a estrutura de “Estados Autônomos”, mas sim a dissolução desse sistema descentralizado espanhol, em prol de um poder de governo estatal, nacional e centralizado (RAMA; CORDERO; ZAGÓRSKI, 2021). O estudo realizado por Rama, Cordero e Zagórski apresenta um gráfico onde revela que eleitores do Vox estão muito mais propensos a declarar que a questão catalã foi um fato decisivo na escolha do seu voto do que eleitores do PP, *Ciudadanos*, PSOE e UP.

Figura IV – Porcentagem de votantes que declararam que a questão catalã foi decisiva.



Fonte: Rama, Cordero e Zagórski, (p. 9 , 2021).

A soma da questão catalã, a defesa por uma centralização governamental espanhola, junto à uma agenda nacionalista, antifeminista e a identificação de imigrantes como uma ameaça externa para a cultura da Espanha, aumentaram visibilidade e ganhos políticos para o Vox (RAMA; CORDERO; ZAGÓRSKI, 2021). No capítulo seguinte, discutiremos como essa abertura e o apoio à extrema direita causaram desdobramentos no aumento dos discursos de ódio, da violência contra imigrantes, da misoginia, enfim, de quaisquer outros impactos angariados e encorajados pela agenda da extrema direita, principalmente, no que é particular às expressões populares na arquibancada do futebol espanhol.

4 FUTEBOL: A POLÍTICA POR OUTROS MEIOS

Assim como o futebol, a noção de um grupo organizado que compartilha de ritos, símbolos e comportamentos em torno do apoio incondicional à um time de futebol tem seu primeiro registro na Grã-Bretanha. Os *hooligans*, como são chamados esses grupos no território inglês, foram gradualmente notados à medida que a violência escalava em suas manifestações. Além dos hooligans, outra forma ampla e tradicional de torcer surge com o termo ‘*ultra*’ na Itália. Os ultras italianos são conhecidos por uma manifestação marcante nas arquibancadas, compostas por ações de pirotecnia, bandeiras, faixas e cânticos.

O hooliganismo pode ser entendido como uma subcultura de diferentes nuances que compreende atividades, organizações e espaços territoriais, onde o principal território de domínio é, justamente, o estádio de futebol. De acordo com Mudde (2022), “subculturas são grupos, dentro de uma cultura nacional mais ampla, que partilham uma identidade, valores, práticas e objetos culturais”. De tal maneira, é necessário que no interior de cada subcultura uma identidade comum seja definida aos seus membros, isto é, uma similaridade cultural que comungue símbolos e ideias. Esse aspecto não é difícil de ser notado ao analisar torcedores organizados como os hooligans, uma vez que a adoção de uniformes, cores, símbolos e ritos é um elemento intrínseco a este movimento.

O autor Ramon Spaaij, citando o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham, compreende os hooligans como subculturas; subculturas estas com estruturas menores e mais específicas dentro de uma rede mais larga de outras redes de cultura (HALL; JEFFERSON; ROBERTS, 1975). Nesse contexto, a construção social da identidade hooligan deve ser compreendida como um conjunto dinâmico e complexo da combinação entre distinção e conformidade, em que a distinção se aplica a, por exemplo, ser mais ‘masculino’ e duro que os outros, e a conformidade reside na celebração da cultura *mainstream* (SPAAIJ, 2006).

Durante as décadas de 60 e 70, outras subculturas já existentes como os *skinheads* somaram-se às badernas promovidas pelos hooligans, acentuando rivalidades e enfrentamentos.

Está associada a movimentos juvenis dos anos 60, como os teddy-boys e seus “rivais”, os rockers (que usavam blusões de couro) e os mods (de classe média, andavam bem-vestidos e transitavam de lambretas). Eventualmente esses grupos se enfrentavam nas ruas. Com o tempo, a rivalidade entre eles passou a manifestar-se também nas arquibancadas dos jogos de futebol (PIMENTA, 2004, p. 252).

De acordo com Viñas (2023), a celebração de eventos internacionais, como as competições europeias organizadas pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA)

e os Campeonatos Mundiais geridos pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), permitiu a difusão da violência hooligan, atraindo tanto os meios de comunicação quanto a população jovem dos países visitados pelos ingleses. A Copa do Mundo de 1966, organizada pelo Reino Unido, é um marco que permitiu a visualização com idoneidade desse novo fenômeno existente desde o início da década de 60 na Inglaterra (VIÑAS, 2023).

Eric Dunning e Nibert Elias são autores indispensáveis ao tratar a Sociologia do Esporte, além das questões envolvendo os grupos de torcedores de futebol. Em relação aos hooligans, Dunning e Elias (1992) argumentam existir registros de hooliganismo desde a década de 1870; no entanto, os autores afirmam que o movimento se disseminou por volta dos anos de 1960, quando os atos de violência escalaram em grande magnitude e se espalharam por diversos países da Europa. De acordo com Spaaij (2006), os hooligans são emocionalmente conectados ao seu campo, isto é, ao seu estádio, que é comumente tido como o território de ‘casa’, o espaço que precisa ser defendido e, nesse sentido, essa defesa frequentemente se transforma em atos de violência. Para Viñas (2023), os estádios são espaços idôneos que utilizam as diversas comunidades para representar suas lutas simbólicas, sendo um cenário onde “se amplificam as paixões nacionais e onde os radicais põem a prova suas identidades, especialmente ligadas ao entorno cidadão ou ao âmbito nacional” (VIÑAS, 2023, p. +1 de futebol o política)

Em 2000, Dunning realizou um diagnóstico sociológico do hooliganismo como um fenômeno mundial, intitulado “*Towards a sociological understanding of football hooliganism as a world phenomenon*”, onde utiliza, majoritariamente, dados de jornais ingleses como uma base empírica para explorar como o hooliganismo pode ser teorizado, compreendido, e como um mapeamento do indicativo da incidência do hooliganismo no século XX. Dunning (2000) aponta, então, a segunda metade do século XX como o ponto mais alto da violência no Reino Unido e com manifestações de violência grave no futebol fora da Europa.

Quadro I – Partidas com Relato de Violência Grave

País	Ano	Partida	Número de mortos	Número de feridos
Argentina	1968	River Plate <i>versus</i> Boca Juniors	74	150
Brasil	1982	San Luis <i>versus</i> Fortaleza	3	25

Colômbia	1982	Deportivo Cali <i>versus</i> Club Argentina	22	200
Peru	1964	Peru <i>versus</i> Argentina	287-238	5000
Turquia	1964	Kayseri <i>versus</i> Sivas	44	600
URSS	1982	Moscow Sparta <i>versus</i> Haarlem	69	100

Fonte: Dunning (2000) apud William et al. (1984, 1989).

Com base no quadro I, é possível notar que a violência não era um costume exclusivo dos hooligans ingleses, ainda que esse fenômeno tenha sido disseminado pelo mundo através da designação “doença inglesa”. Ainda de acordo com Dunning (2000), ao pensar em pesquisas transnacionais envolvendo o fenômeno do hooliganismo, “é razoável hipotetizar que o problema é alimentado e moldado, entre outras coisas, pelos principais divisores característicos de países específicos”.

Na Inglaterra, isso significa classe social e desigualdades regionais; na Escócia e na Irlanda do Norte, o sectarismo religioso; na Espanha, os subnacionalismos linguísticos dos catalães, castelhanos, galegos e bascos; na Itália, o particularismo das cidades e, talvez, a divisão entre Norte e Sul, expressa na formação da “Liga do Norte”; e na Alemanha, as relações entre Leste e Oeste e os grupos políticos de esquerda e direita (DUNNING, p. 161, 2000).

Os ultras, por sua vez, se diferenciam dos hooligans pela sua característica de primor nas performances nas arquibancadas. Em outras palavras, os ultras são encarregados de flamular bandeiras, da criação de músicas de apoio ao time, confecção de faixas, entre outros acessórios que estimulam a agitação dos torcedores nos estádios.

Os ultras permitem o questionamento de histórias e estórias. Dentro do futebol mundial, há diversos pontos de vista concorrentes. Jornalistas apresentam suas próprias narrativas que alimentam um enredo particular à mídia. Os clubes, eles mesmos, frequentemente têm histórias oficiais que recontam partidas, conquistas e desesperos. Ainda, essas histórias são adaptadas à medida que os clubes se aclimatam às condições do futebol comercial contemporâneo. As histórias do futebol podem ser acomodadas e vendidas como ‘oficiais’ para fãs ao redor do mundo. Separadamente, grupos ultras terão suas próprias estórias e histórias (DOIDGE; MINTERT; KOSSAKOWSKI, 2020, p. 78, tradução nossa).

O primeiro grupo ultra nasceu na Itália, precisamente em Milão, no time *Associazione Calcio Milan* – o AC Milan – em 1968, chamada *Fossa dei Leoni* (Doidge; Mintert; Kossakowski, 2020).

Figura V – Fossa dei Leoni, primeiro grupo de ultras italianos. AC Milan.



Fonte: Ultras Avanti, 2024.

Para compreendermos sua trajetória é importante situarmos como esses grupos se inserem como parte importante de uma história mais ampla envolvendo cidades e nações (DOIDGE; MINTERT; KOSSAKOWSKI, 2020). A análise da história dos ultras deve endereçar o questionamento sobre poder na produção do discurso, sendo esse questionamento crucial não apenas na consciência do poder entre autoridades do futebol e torcedores, mas também na disputa dentro dos grupos de torcedores.

De acordo com Doidge, Mintert e Kossakowski (2020), é possível discernir quatro fases de desenvolvimento dos grupos ultras que vão desde a mudança política italiana nos anos 70 e a emergência da violência como uma parte significativa da mentalidade ultra na década seguinte. Posteriormente, há um crescimento na violência, racismo e localismo, e então, apesar da fragmentação dos grupos, se inicia um movimento de união dos ultras contra a repressão de autoridades do Estado e policiamento.

Ainda que o desenvolvimento da identidade desses grupos seja um processo particular a cada país, a cultura ultra, de forma geral, deve ser vista como uma resposta às mudanças sociais, considerando as variáveis históricas e sociais como herança socioeconômica, cultural, além do estado do futebol no país, isto é, o fluxo de comercialização e as restrições legais (DOIDGE; MINTERT; KOSSAKOWSKI, 2020). Os ultras, então, tendem a ser um filtro

permeado por influências políticas e culturais externas, no entanto, o filtro “não é uma estrutura passiva, mas um tecido vivo que cria história com base nas relações com o mundo exterior” (DOIDGE; MINTERT; KOSSAKOWSKI, 2020, p. 79).

4.2 Paixão e Política: os Ultras na Espanha

Foi justamente no encontro com as relações com o mundo exterior que o movimento ultra surgiu na Espanha, precisamente datado na Copa do Mundo de 1982, momento em que os *hooligans* ingleses fizeram jus à fama violenta no país espanhol. Um dos episódios mais graves protagonizados pelo hooliganismo durante o mundial ocorreu após a disputa entre Inglaterra e Alemanha Ocidental. No fim da partida, houve grandes altercações em diversas ruas de Barcelona, motivando a ação policial. O balanço final dos acontecimentos resultou em trinta detidos, dezesseis deles de nacionalidade inglesa, cinco dos quais foram expulsos do país imediatamente (VIÑAS, 2023).

De acordo com Doidge, Mintert e Kossakowski (2020), os ultras são os grupos de torcedores organizados mais difundidos e poderosos de todo o mundo e, portanto, representam uma parcela significativa para a análise social, visto que são poucos grupos sociais que angariam tanto alcance, visibilidade e mobilizações de alcance internacional como eles. Ser ultra é subsumir a identidade individual para um coletivo mais abrangente (DOIDGE; MINTERT; KOSSAKOWSKI, 2020).

Nesse sentido, indivíduos que integram nesses coletivos agem como um corpo orgânico próprio, em que detêm atividades e organizações específicas diferentes dos torcedores de modo geral. É válido ressaltar que a subjetividade cumpre um importante papel nesses grupos, dado que afetam diretamente no sentimento de pertencimento, na construção de relações sociais, a performance do que é ser um ultra e, em última instância, a prática da violência.

Na Espanha, os ultras surgem antagônicos aos *peñas*, uma categoria constituída, maioritariamente, por torcedores mais antigos e contrários ao uso da violência. Na evolução dos ultras é possível destacar quatro fases que, apesar de relativamente autônomas, estão interrelacionadas, sendo elas: as origens do fenômeno ultra na Espanha no início da década de 80; a difusão e expansão do movimento ultra na segunda metade dos anos 80; a radicalização, politização e fragmentação dos grupos ultras no fim dos anos 80 e início dos anos 90; e a atual situação marcada por uma maior fragmentação e declínio (SPAAIJ; VIÑAS, 2005).

De acordo com Spaaij e Viñas (2005), a primeira geração dos ultras espanhóis se dedicava ao apoio incondicional para o time, às cores e aos cânticos, rejeitando um

comportamento passivo nas arquibancadas. A emergência de um movimento de juventude radical, no entanto, aconteceu tardiamente quando comparada a outras regiões como o Reino Unido e Itália, isso devido ao longo período de Guerra Civil e ditadura militar ocorridas na Espanha. Como já mencionado, a Copa do Mundo de 1982 foi um marco divisor para a cultura do futebol espanhol, visto que a partir desse evento que se iniciou a emergência de grupos de torcedores radicais.

Assim que os primeiros grupos ultras se estabeleceram, um rápido processo tomou forma dentro da Espanha e não tardou até que quase todos os times da Primeira e Segunda divisão da La Liga fomentassem a existência de um ou mais grupos radicais. Uma segunda evolução nesses grupos está relacionada à mudança no estilo de apoio, dado que o uso tradicional de grandes bandeiras que os espanhóis haviam replicado dos grupos italianos foi proibido pela polícia e, dessa maneira, os espanhóis se viram forçados a importar elementos da cultura de torcida inglesa, especialmente no que tange os cânticos e a exibição de sinalizadores (SPAIIJ; VIÑAS, 2005). Gradualmente, no entanto, esses grupos adotaram outra famosa prática dos hooligans ingleses, incorporando a violência em suas manifestações.

O termo ‘ultra’ na Espanha teria surgido em 1986, quando a mídia começou a noticiar os casos de violência dos torcedores e, ao mesmo tempo, sua conexão com a política. Dessa forma, a designação “ultra” surgiu de uma tentativa de abreviação de “ultraderecha” (SPAIIJ; VIÑAS, 2005). No entanto, convém enfatizar que assim como torcidas abertamente à direita são historicamente presentes nas arquibancadas, grupos de torcedores politicamente organizados à esquerda também protagonizam a disputa política dentro dos estádios.

Dessa forma, é possível compreender que os grupos ultras espanhóis quase sempre apresentam duas características definidoras: o apoio ao time do seu clube e uma ideologia política – isto é, grupo ultra existe, principalmente, para apoiar um time de futebol profissional espanhol, mas cada grupo também mantém uma ideologia (WESTBY, 2007). No quadro a seguir, listamos os clubes de maior expressão da La Liga, suas respectivas regiões, principais torcidas de cada time e se há algum tipo de apelo político à esquerda ou à direita.

Quadro II – Clubes espanhóis, ultras e espectros

<i>Região Autônoma</i>	Time	Ultras	Espectro ideológico
<i>Andaluzia</i>	Sevilla	Biris Norte	Direita
	Betis	Supporters Gol Sur	Esquerda
	Málaga	Frente Bokerón	Esquerda

	Granada	Curva	Neutro
<i>Aragão</i>	Zaragoza	Ligallo Norte	Direita
<i>Catalunha</i>	Barcelona	Boixos Nois	Direita
	Espanyol	Brigadas Blanquiazules	Direita
<i>Castela e Leão</i>	Valladolid	Supporters	Neutro
<i>Comunidade de Madrid</i>	Real Madrid	Ultras Sur	Direita
	Atlético de Madrid	Frente Atlético	Direita
	Getafe	Comandos Azules	Direita
<i>Comunidade Valenciana</i>	Valencia	Ultras Yomus	Direita
	Elche	Jove Elx	Direita
<i>Galícia</i>	Celta Vigo	Celtarras	Esquerda
	Deportivo La Coruña	Riazor Blues	Esquerda
<i>Ilhas Canárias</i>	Las Palmas	Ultra Naciente	Neutro
<i>Navarra</i>	Osasuna	Indar Gorri	Esquerda
<i>País Basco</i>	Real Sociedad	Peña Mujika	Esquerda
	Athletic Bilbao	Herri Norte	Esquerda
	Deportivo Alavés	Iraultza	Esquerda

Fonte: Elaboração própria com base em Westby (2007) e Viñas (2023)

Antes de qualquer outra consideração, é fundamental elucidar que o quadro acima não confere ideologia política aos clubes, mas aos grupos ultras a eles associados. Por sua vez, é importante explicitar que os apelos políticos foram assim classificados de acordo com as discussões encontradas na bibliografia (VIÑAS, 2023; WESTBY, 2007). Para elaboração do quadro, foi realizado um resgate histórico sobre quais times tiveram mais participações na La Liga de 1980 até 2024 (LA LIGA, 2024). Esse recorte temporal se dá pela preocupação em incluir os clubes que disputavam a primeira divisão da liga espanhola até a última temporada realizada (23/24), com a finalidade de evidenciar quais times obtiveram maior visibilidade desde a emergência dos ultras na década de 80.

Além disso, ao listar os times que estiveram na Primeira Divisão da La Liga nesse intervalo de tempo, foi encontrado um total de 50 clubes espanhóis, mas optou-se pelo recorte

de 20 clubes por ser a exata quantidade de times que jogam a atual primeira divisão, conferindo uma maior assertividade e abrangência ao tratar do futebol espanhol. Ademais, existem outras torcidas que, embora não estejam entre os grupos listados acima, têm ganhado notoriedade substancialmente em virtude do ativismo político, como o caso dos *Los Bukaneros*, grupo de torcedores do Rayo Vallecano, clube localizado no bairro Vallecas de Madrid, que se autodenominam uma insurgência antifascista e carrega valores como o combate ao preconceito contra imigrantes, contra o machismo e contra a homofobia (LOS BUKANEROS, 2024).

4.3 Amor, Raiva e Prazer: o Lugar das Emoções no Estudo Dos Ultras

O futebol comporta um vasto cesto de elementos culturais, históricos e sociológicos. As sedes dos clubes, os bares, os arredores dos estádios e os estádios se transformam em espaços de forte interação social, onde os torcedores criam laços de pertencimento, de identidade coletiva e de coesão. Outro ponto a ser considerado é a capacidade intrínseca do futebol em despertar fortes emoções nos seus torcedores, sejam momentos de excessiva alegria ou de intensa tristeza, do alento à fúria. Para Cleland et al (2018), na maior parte dos torcedores há um entendimento que o futebol é uma experiência emocional, “uma das coisas que atrai as pessoas para o futebol é a atmosfera. Essa experiência emocional coletiva conecta muitas pessoas sob a experiência compartilhada de cantar, bater palmas e torcer em uníssono”.

Embora as emoções sejam facilmente identificadas e permeiem amplamente o campo semântico futebolístico, a importância da análise das emoções para o campo de estudo das torcidas de futebol tem sido negligenciada. De acordo com Doidge, Kossakowski e Mintert (2020), entender o relacionamento entre os torcedores e os clubes é fundamental para entender a contínua participação dos ultras.

Os fundamentos da disciplina da sociologia são entender como os grupos se formam. Os ultras fornecem um exemplo claro de comportamento coletivo regular por meio de um ato de consumo. No entanto, esses fãs não são meramente clientes; eles são participantes emocionais ativos no espetáculo. Os ultras e muitos fãs de futebol se identificam ontologicamente com o clube. Eles sentem simultaneamente que o clube é uma extensão deles mesmos e expressam uma devoção inabalável ao clube. Isso pode ser visto em como os fãs dizem "nós vencemos no fim de semana" ou "eu amo o clube" (DOIDGE; KOSSAKOWSKI; MINTERT, 2020, p.75).

Inicialmente, a sociologia apresenta estudos sobre sociedade, estruturas sociais e a formação de grupos. Alguns dos primeiros autores, como Marx, Weber e Durkheim, se preocupavam com a transformação que atravessava a sociedade na mudança para o capitalismo moderno. Até então, as teorias dominantes na sociologia ignoravam as emoções, ainda que

outros importantes sociólogos tenham começado a escrever sobre (ELIAS, 2000; DURKHEIM, 1964). Na década de 80, então, há um maior interesse do desenvolvimento dos estudos das emoções e dos afetos – sendo o ‘afeto’ um conceito introduzido particularmente nos campos de estudos culturais e geográficos, influenciado, majoritariamente, pelo pós-estruturalismo Deleuziano (DOIDGE, KOSSAKOWSKI, MINTERT, 2020).

No que tange aos estudos sobre torcidas como os ultras elencando o lugar das emoções, a discussão de Collins (2004) e Durkheim (1964) sobre rituais coletivos é particularmente interessante. Ainda que subjetivas e individuais, as emoções são de fácil reconhecimento e podem ser coletivamente desfrutadas, tanto em grupos maiores quanto em grupos menores. Durkheim (1964) levanta a ideia de “transportes de entusiasmo” e uma espécie de eletricidade àqueles que estão fisicamente próximos e os lançam a “uma altura extraordinária de exaltação”, uma espécie de energia compartilhada através de uma “efervescência coletiva”.

Ao pensar o comportamento humano, Erving Goffman apresenta uma abordagem micro sociológica focada no interacionismo face a face e argumenta que as relações sociais são construídas em ‘rituais de interação repetitivos’, como as interações do dia a dia. Randal Collins, então, desenvolve o conceito de ‘rituais de interação’ junto à análise de Durkheim sobre rituais coletivos, “quando indivíduos se encontram e se engajam nesses rituais de interação, uma efervescência coletiva pode ocorrer” (DOIDGE, KASSAKOWSKI, MINTERT, 2020).

Evidencia-se, portanto, que as emoções são um importante componente da vida social e, por conseguinte, um elemento potencializador para os estudos referentes aos estudos sobre o futebol.

Os sentimentos que experimentamos quando entramos em um estádio, ver nossos amigos ou celebrar aquele gol marcado não são o simples produto de uma fiação biológica; eles são produzidos através de uma interação social comum. Quando o torcedor está em uma multidão, há muitos estímulos emocionais, como o capo dirigindo os cânticos, a conversa com os amigos ou eventos em campo. Adicione isso à parafernália da coreografia e pirotecnia, além de fatores externos como a política, torcedores rivais e narrativas midiáticas, e você tem uma infinidade de motivações e sentimentos. Tudo isso se combina para criar uma experiência coletiva (DOIDGE, KASSAKOWSKI, MINTERT, 2020, p. 52).

A inclusão das emoções como ferramenta analítica é de grande valia nos estudos dos torcedores, uma vez que essa modalidade esportiva gera espaços sociais que não somente relações sociais são construídas, fortalecidas e comungadas, como também um espaço que, apesar de ser afetivamente vinculado à um território como os estádios, não se limita a eles e amplifica as emoções de forma coletiva, isto é, bares, bairros, entre outros.

4.4 El Clásico

Os clássicos, ou *derbys*, são os confrontos entre dois clubes que dispõem de um ao alto grau de rivalidade histórica. Uma das maiores essências do futebol é o grau de envolvimento que os clubes conseguem transmitir, os *derbys*, então, são os confrontos em que os torcedores vivenciam com mais paixão. O termo de origem anglo-saxônica designa jogos que, de forma geral, disputam dois clubes de uma mesma cidade ou quando mantém uma rivalidade de longa tradição, como o caso protagonizado pelo F.C. Barcelona e Real Madrid (VIÑAS, 2023).

O *El Clásico*, como é apelidado o confronto entre o F.C. Barcelona e Real Madrid, é uma das maiores rivalidades esportivas do mundo, o encontro dos dois gigantes do futebol espanhol. De um lado, há o Barcelona, clube onde brilharam estrelas como Maradona, Roberto Dinamite, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Xavi, Suárez, Neymar e o conclamado cinco vezes melhor jogador do mundo, o argentino Lionel Messi. Do outro lado do campo, o Real Madrid, clube que demonstrou sua realeza em campo com jogadores como Zidane, Ronaldo Nazário e o também conclamado cinco vezes melhor jogador do mundo, a estrela Cristiano Ronaldo.

No que tange aos ultras, os *derbys* são o cenário em que as agregações dos grupos ultras expõe toda sua parafernália, o espaço que usam para anunciar toda sua força frente ao grupo rival, às forças de ordem, à imprensa e à cidade (VIÑAS, 2023). Para os membros dos grupos, o encontro contra o rival máximo demanda uma preparação iniciada semanas antes da data de disputa, se tornando o dia mais esperado do campeonato, em que os *ultras* encontram a oportunidade perfeita para demonstrar sua superioridade e, acima de tudo, “humilhar o rival em todos os sentidos, na grama, nas arquibancadas e na rua” (VIÑAS, 2023, p. 141).

Outro elemento que gera uma comoção maior nos *derbys* é o enfrentamento com as instâncias policiais e de segurança. Os dispositivos policiais que acompanham esse tipo de evento corroboram para a magnitude da disputa da partida, conferindo uma relevância maior ao encontro das ligas, em muitos casos, classificam esse tipo de confronto como “partidas de alto risco” (VIÑAS, 2023).

4.4.1 Barcelona, F.C. Barcelona e os Boxois Nois

Fundado em 1899 por um suíço chamado Hans Camper – que, posteriormente, adotou o nome catalão Joan -, o F.C. Barcelona possui uma história institucional que atravessa a história da cidade de Barcelona. Com a ascensão da burguesia industrial na região, o futebol se tornou a opção de lazer mais popular entre os homens jovens da Catalunha.

Ainda que sem propósitos claros de cunho político ou com uma tentativa de movimento social em sua criação, o F.C. Barcelona se tornou um dos maiores nomes da resistência durante

a Era Franco (GUIBERNAU, 2004). A população da Catalunha sofreu uma forte repressão, com elementos constituintes da cultura catalã proibidos, como a bandeira catalã e o idioma catalão. A forma que a população se identifica com a língua, a cultura, a história, o território, enfim, tradições populares e outros elementos que se tornam parte de uma nação, contribuem para a noção de ‘comunidade imaginária’ a qual ela pertence, isto é, os símbolos transformam a diferença em uma aparência de similaridade, facilitando a movimentação nacionalista em unir pessoas de diferentes contextos sociais (GUIBERNAU, 2004; ANDERSON; 2008)

O F.C. Barcelona, então, foi retratado como um representante da nação catalã e um exemplo de resistência contra a ditadura. Sempre que o Barça enfrenta o Real Madrid, o significado da partida vai além do esporte. Para Viñas (2023), o F.C. Barcelona foi um agente social integrador em que, através da adesão ao clube, muitos imigrantes chegados na Catalunha nos anos de 60 se integraram à sociedade. De tal forma, a perseguição sofrida durante o franquismo gerou um sentimento de rechaço entre os torcedores que, por sua vez, tinham o estádio do F.C Barcelona, o Camp Nou, como um dos únicos espaços onde podiam hastear suas bandeiras nacionais e falar o idioma nativo. A hostilização sofrida pelos torcedores catalães é fundamental para compreender o surgimento de grupos radicalizados, isto é, os grupos ultras (GOIG, 2007).

Cada vez mais, os ultras adotaram ideologias políticas radicais como símbolos de identidade coletiva. Assim foi o caso dos Boixos Nois, a principal torcida organizada do F.C. Barcelona. Fundada em 1981, o Boixos Nois, do catalão “garotos loucos”, iniciou-se como um grupo modesto e inclinado à esquerda pró-independência catalã, mas passou por uma espécie de metamorfose em que começou a adotar símbolos neonazistas junto aos *skinheads* (SPAII; VIÑAS, 2005).

A extrema politização dos ultras rapidamente se traduziu em episódios de violência internos ao contexto futebolístico, contra ultras rivais e fora do espaço do futebol, contra grupos pertencentes a minorias como indivíduos de diferentes etnias, homossexuais e imigrantes. Um exemplo drástico que exemplifica os crimes de ódio realizados fora do contexto futebolístico foi o assassinato de uma travesti em outubro de 1991 cometido por um membro *skinhead* do Boixos Nois. Ao analisar a presença dos grupos ultras no futebol, é importante notar que "os Boixos Nois se tornaram uma marca para a intimidação e a violência no esporte" (MIGUEL, 2021).

Em 2003, um novo presidente foi eleito no clube catalão, o Joan Laporta. Com a promessa de erradicar as torcidas violentas dos estádios, Laporta teve como um dos seus primeiros atos a expulsão do Boixos Nois nas arquibancadas. Desde então, membros, bandeiras

e faixas do grupo não são permitidos no Camp Nou. Todavia, como pode ser visto na imagem 10, os ultras continuam presentes nos arredores, chegando a estampar suas faixas em estádios fora da Espanha (El País, 2023).

Figura VI – Boixos Nois no pré-jogo do F.C. Barcelona em 8 de maio de 2021.



Fonte: Alamy, 2021.

4.4.2 Madrid, Real Madrid Club de Fútbol e os Ultras Sur

Designado como o melhor clube de todos os tempos, o Real Madrid Club de Fútbol teve sua fundação em 1902 como *Madrid Foot-ball Club* por dois irmãos catalães, Carles e Joan Padrós. Desde sua fundação, o Madrid FC possuía base social relevante composta por comerciantes, pequenos empresários, militares e civis, angariando títulos importantes até que, nos anos 1910, o Madrid FC teve que se adequar a recém-criada Real Federación Española de Fútbol (RFEF) e, ao longo do processo de adequação, obteve apenas um título (DI FIGOLIS, 2019).

Em 1920, então, o Rei Dom Alfonso XIII concedeu o título de ‘Real’ ao Madrid Foot-ball Club que, por sua vez, passou a adotar o símbolo da coroa espanhola no seu escudo, tornando-se, então, o Real Madrid Club de Fútbol. No final da Guerra Civil Espanhola, o Real Madrid estava imerso em uma crise financeira com um desfalque imenso no elenco de jogadores

e, para superá-la, o então dirigente Santiago Bernabéu assinou um plano de recuperação que o colocou à frente da presidência do clube de Madrid.

Foi durante a Era Franco que o Real Madrid passou a ter fortes conotações políticas que se estenderam até ser considerado o *time do regime*. No centro do debate sobre a relação de Franco com o Real Madrid estava a sua relação com o presidente do clube, Bernabéu, que liderou o clube de 1943 até o seu falecimento em 1978. Bernabéu era um apoiador do franquismo e entusiasta da ideia do clube madrilenho se tornar uma espécie de ‘embaixador do regime’ (SHAW, 1987). O Real Madrid reinou no mundo entre 1956 e 1960, andava por toda parte e deslumbrava por onde passava.

A ditadura de Franco tinha encontrado uma insuperável embaixada ambulante. Os gols que a rádio transmitia eram toques de clarim triunfais mais eficazes que o hino *Cara ao sol*. Em 1959, um dos chefes do regime, José Solís, pronunciou um discurso de gratidão diante dos jogadores “porque gente que antes nos odiava, agora nos compreende graças a vocês” (GALEANO, 2002, p. 44)

Assim, o Real Madrid angariou um amplo número de torcedores ao passar dos anos, criando grupos de torcida pacíficos conhecidos como *peñas*. Integrantes mais novos da *peña* do Real Madrid, *Las Banderas*, estiveram presentes durante uma partida da então Taça dos Clubes Vencedores de Taças (*UEFA Cup Winners' Cup*) entre o West Ham United e o Castilla, equipe filiada ao Real Madrid. A partida terminou com o placar de 5 a 1 para o time inglês que, por sua vez, também triunfou na hostilidade. Os hooligans do West Ham eram conhecidos como um dos grupos mais violentos do futebol mundial, por conseguinte, mitigou a necessidade de defesa por parte da torcida espanhola madrilenha. Ao crescimento dos episódios violentos, integrantes dos *Las Banderas* foram banidos e assim foi fundado o grupo *Ultras Sur* (SPAIIJ; VIÑAS, 2005). Os *Ultras Sur* e os *Boxois Nois* se tornaram um influente modelo para todos os outros grupos ultras espanhóis (SPAIIJ; VIÑAS, 2005).

Figura VII – A torcida ‘Ultras Sur’ posicionada no fundo do gol.



Fonte: El País, 2024.

Com a chegada de Florentino Pérez à presidência do clube em 2014, os Ultras Sur foram expulsos das arquibancadas do Real Madrid, ocasionando uma guerra aberta entre os grupos radicais e o presidente (VIÑAS, 2023). Ademais, o assassinato de Francisco Javier Romero Taboada, episódio que ficou conhecido como “caso Jimmy”, também foi um divisor de águas na história dos ultras espanhóis. Jimmy, como era conhecido o Javier, foi morto nas imediações do estádio Vicente Calderón durante uma briga entre os ultras. O torcedor teve seu corpo jogado no rio Manzanares, acarretando um forte traumatismo cranioencefálico (VIÑAS, 2023; SÁEZ, 2014).

4.5 Discussão

Iniciativas judiciais foram tomadas com o propósito de retirar as torcidas da arquibancada. O Real Madrid, sob a presidência de Lopez, puniu os Ultras Sur. O Barcelona, sob a presidência de Laporta, banuiu os Boxois Nois. Todavia, argumentamos que apesar de se notar uma ligeira queda na incidência de violência, houve uma leniência para os comportamentos oriundos de valores difundidos pela extrema direita durante muito tempo, o que ocasionou a violência desses grupos e, com a emergência do Vox, tornou a aparição desses grupos muito mais confortável. No ordenamento jurídico espanhol, a luta institucional contra a violência no esporte teve como momento mais importância a promulgação da Lei 19/2007, em 11 de julho, conhecida como a “Lei contra a Violência, Racismo, Xenofobia e Intolerância no Esporte”.

Para Viñas (2023), as expulsões tiveram como produto o efeito contrário ao desejado. De acordo com o autor, não houve uma redução absoluta nos índices de violência, mas um redirecionamento do alvo das manifestações violentas, isto é, as punições resultaram em uma

crecente e generalizada animosidade contra as forças policiais, contra a Comissão Anti-Violência e, principalmente, contra os dirigentes do futebol espanhol em organizações como a La Liga e a Federação Real Espanhola de Futebol (FREF). É possível afirmar que parte substancial dessa revolta se concentra na figura de Javier Tebas, advogado que ascendeu à presidência da La Liga com uma retórica bastante clara sobre suas intenções com os grupos: acabar com os ultras (VIÑAS, 2023). Tebas é uma figura especialmente relevante ao pensar no recente ressurgimento dos grupos ultras no futebol espanhol com ênfase nos seus recentes apelos políticos, visto que o presidente da La Liga é um notável apoiador do Vox e ex-membro da organização Fuerza Nova, herdeira do franquismo (CASO VINI JR..., 2023).

Com o propósito de embasar as discussões e conclusões da presente pesquisa, essa seção apresentará dados coletados durante o trabalho. Para tanto, foi feita uma análise a partir de dois informes intitulados “Análises de casos e sentenças em matéria de Racismo, Xenofobia, LGBTIfobia e outras formas de Intolerância” publicados pelo Observatório Espanhol do Racismo e da Xenofobia (OBERAXE), vinculado ao Ministério de Inclusão, Seguridade Social e Migrações do governo espanhol, em que o primeiro informe se concentra no recorte temporal de 2014 a 2017, enquanto o segundo informe apresenta um recorte de 2018 a 2022.

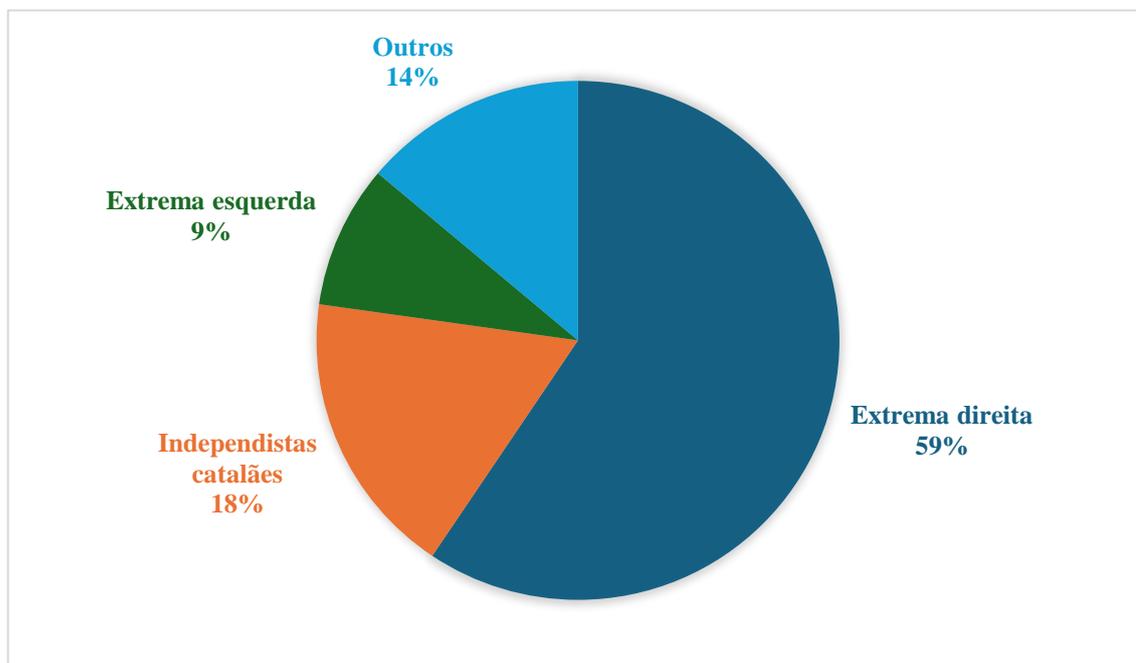
Os informes se debruçam na análise das sentenças dos casos tidos como crimes de ódio e quais foram as tendências judiciais nesse âmbito. Dessa maneira, os casos judicializados foram analisados de acordo com uma “série de variáveis como as características das pessoas investigadas e das vítimas, assim como os aspectos processuais e materiais contidos nas sentenças mencionadas” (GIMÉNEZ ET AL, 2019, p. 5). Assim, se estabelecem quatro variáveis previamente determinadas que dispõem sobre: a) aspectos relacionados com aos casos contidos nas resoluções; b) perfil dos acusados; c) perfil das vítimas; d) aspectos processuais e jurídicos como o conteúdo da decisão, as sanções impostas ou imposição de circunstâncias agravantes, desculpas, entre outros (GIMÉNEZ ET AL, 2019).

Para a sequência do trabalho, é particularmente interessante observar a confluência entre o perfil dos acusados, das vítimas e como os dispositivos processuais e jurídicos lidaram com a questão do crime de ódio e incitação à violência no futebol europeu. O informe relata que ao constituir o perfil dos acusados, 90% destes eram homens em contraste com 10% de mulheres, sendo 86% maiores de idade e com uma média de idade em torno dos 31 anos. Todavia, a faixa etária varia dos 14 aos 60 anos. Além disso, as duas principais motivações dos acusados derivam da origem racial ou etnia (38% dos casos) e ideologia (28% dos casos).

Ademais, o informe também encontra uma conexão dos acusados à grupos concretos e coletivos que justifiquem a discriminação, encontrando quatro categorias: afiliação à grupos

políticos ou tendências políticas de qualquer ideologia, estrangeiros, minorias étnicas ou setores da população em vulnerabilidade e funcionários da administração pública.

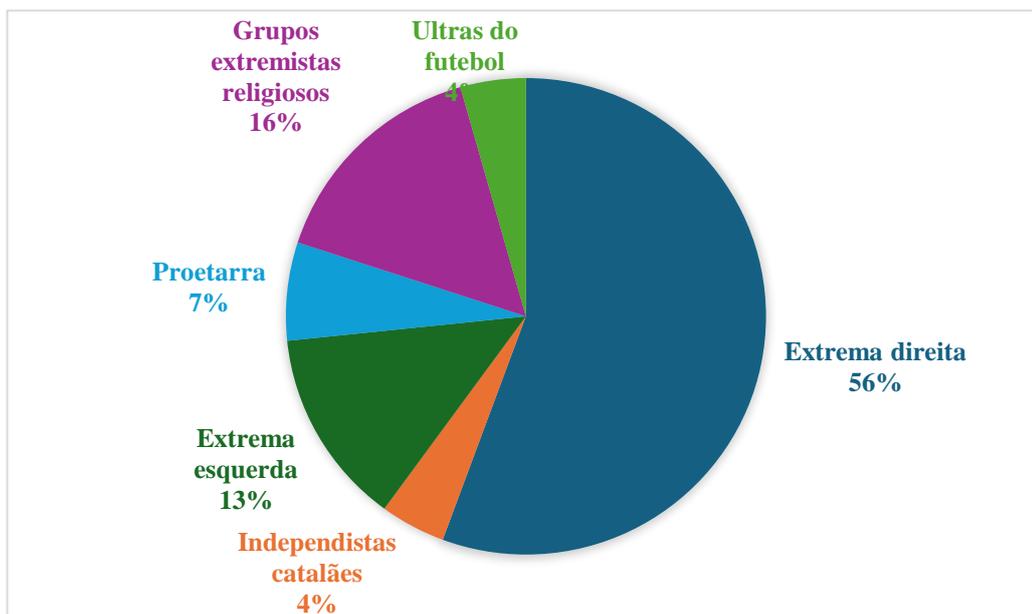
Gráfico II - Agrupamentos políticos dos acusados em % no período 2014-2017



Fonte: Elaboração própria com base em Giménez et al. (2019).

No gráfico II, é possível notar que os grupos ultras não aparecem entre os agrupamentos dos acusados. Todavia, os grupos são mencionados quando o informe expõe os indicadores de crimes de ódio, afirmando que nesse período o terceiro indicador observado com mais frequência foi o pertencimento da vítima à grupos ultras, compondo cerca de 9% dos casos. É importante ressaltar que, conforme discutido anteriormente, os *Ultras Sur* haviam sido banidos em 2014 e os *Boxois Nois* já eram proibidos de frequentar os estádios há uma década, além da significativa cobertura midiática em torno do caso Jimmy, o que ocasionou uma certa diminuição dos episódios de violência no futebol. Já no período de 2018 a 2022, os grupos ultras surgem entre os grupos de acusados, como é possível notar no gráfico III.

Gráfico III - Agrupamentos políticos dos acusados em % no período 2018-2022

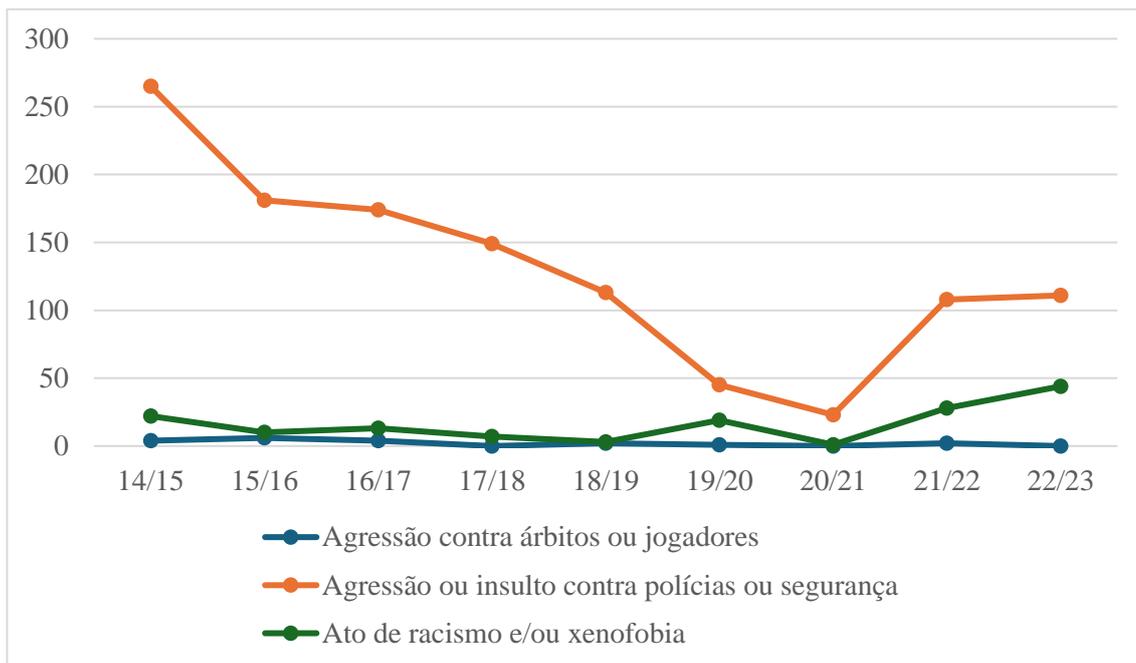


Fonte: Elaboração própria com base em Giménez et al. (2023).

Os grupos ultras compõem, então, cerca de 4,3% dos acusados de crime de ódio. Ao tratar sobre a questão espacial dos crimes de ódio, o informe conclui que os casos motivados por ideologia são produzidos nos campos de futebol. A liderança dos grupos de extrema direita em ambos os relatórios é também relevante, visto que a presença dos ultras estão associadas às ideologias extremistas. É válido ressaltar que, em outubro de 2017, Javier utilizou as redes sociais para mostrar imagens da manifestação organizada pela Fundação em Defesa da Nação Espanhola (DENAES) com a mensagem de que “hoje estivemos na Plaza Colón, amanhã em Barcelona, Plaza Urquinaona às 12h. Porque a Catalunha é Espanha”, evidenciando sua opinião sobre o conflito separatista catalão (TEBAS, 2017).

Com base nas propostas de sanção, ou seja, a recomendação formal de aplicação de uma penalidade em decorrência de infrações cometidas com base dos dados fornecidos pela Comissão Estatal contra a Violência, o Racismo, a Xenofobia e a Intolerância no Esporte da Espanha, foi elaborado o Gráfico IV, a ver:

Gráfico IV – Propostas de sanção no período 14/15 à 22/23.



Fonte: Elaboração própria com base em dados fornecidos pela Comissão Estatal contra a Violência, o Racismo, a Xenofobia e a Intolerância no Esporte da Espanha (2015-2023).

A Comissão fornece os dados com base nas temporadas do calendário do futebol espanhol, isto é, o período de competições que costuma ocorrer durante dois anos consecutivos. A temporada 14/15, por exemplo, começa no ano de 2014 e se encerra em 2015. É possível, então, notar uma queda nos casos de violência contra as instituições policiais ou de segurança da temporada 2014/2015 à temporada 2015/2016, movimento que continuou no decorrer dos anos, ainda que esse seja um indicador que se manteve com alto número de casos. Quanto à agressão contra árbitros, jogadores, atos de racismo e/ou xenofobia, uma certa estabilidade é notada entre o período de 2014/2015 a 2019/2020, em que aparece um leve aumento. Há de se considerar, nos três marcadores, o lockdown imposto na temporada 2020/2021 devido à pandemia do Covid-19, ocasião em que o futebol foi paralisado. Para elucidar o questionamento proposto na pesquisa, a fim de entender como a atuação dos ultras se dá no contexto da ascensão da extrema direita espanhola, julgamos essencial considerar a trajetória do Vox.

Como já previamente visto, o Vox obteve um ganho de capital político significativo em 2018 e, particularmente, nas eleições gerais de 2019, momento em que parte substancial do eleitorado espanhol foi conquistado. A partir de 2021/2022, então, nota-se um aumento nos casos de ato de racismo/xenofobia com uma tendência para crescimento, como é possível notar no contínuo aumento no número de casos na temporada 22/23.

A fim de evidenciar os comportamentos dos ultras que comungam valores difundidos pelo Vox, em consonância com a nova extrema direita, bem como o antisemitismo, o racismo,

a imigração e a segurança pública (MUDDE, 2022), optou-se por destacar manchetes de jornais que revelam essa convergência. Em 2021, por exemplo, foram divulgadas notícias que reafirmam de maneira contundente o caráter ideológico à extrema direita dos Boixos Nois (BUENO, 2021; GONGOSTRINA; 2021). De acordo com o jornalista García Bueno, do El País, a polícia espanhola encontrou bandeiras do Terceiro Reich e retratos de Hitler junto ao grupo. Para alguns membros do grupo, o futebol se tornou, há algum tempo, uma atividade secundária, transformando-se em um guarda-chuva sob o qual indivíduos com “ideologia neonazi se agrupam para cometer crimes” (BUENO, 2021).

No início de 2023, a Polícia Nacional abriu uma investigação sobre uma faixa posta pelos Ultras Sur no jogo do Real Madrid contra o Atlético de Madrid nos arredores do estádio Santiago Bernabéu que continha uma fotografia de Anne Frank, judia, notória vítima do Holocausto.

Figura VII – Faixa do Ultras Sur “Anne Frank é do Atleti”.



Fonte: AS, 2023.

Na imagem, é possível notar um apelo antissemítico que caracteriza os torcedores rivais do Atlético de Madrid como judeus, o que seria uma categoria inferior para madrilenhos. A ação dos ultras não se restringe aos estádios domésticos da Espanha. Em outubro do mesmo ano, o *New York Times* denunciou vídeos que mostram os Ultras Sur cantando cânticos de cunho racista e fascista durante uma partida do Real Madrid contra o Braga, em Portugal, pela competição Champions League (MONTANARI, 2023).

O atleta brasileiro Vinícius Júnior, conhecido internacionalmente pelo apelido *Vini Jr.*, tem sido um constante alvo das torcidas desde que chegou à Espanha, em 2018, para defender as cores do Real Madrid. “Macaco, ele é um macaco!”, foi aos gritos e acenos racistas que Vini Jr. foi recebido no Estádio de Mestalla pela torcida do Valencia Club de Fútbol em uma partida contra o Real Madrid, válida pelo Campeonato Espanhol, a *La Liga*, em maio de 2023. Em janeiro do mesmo ano, torcedores do Atlético de Madrid chegaram a pendurar um boneco inflável com a camisa do brasileiro, simulando seu enforcamento. Apesar da diretoria do campeonato alegar que se tratava de um caso isolado, não foi a primeira e tampouco a última. Só de ocorrências contra o brasileiro dentro da *La Liga*, até o momento de escrita deste trabalho, somam-se dez casos (ROSAS, 2023).

Para Tebas, liderança máxima da La Liga, os ataques “não acontecem o tempo todo ou muito”, e que a razão pela qual os ataques são feitos partem do comportamento do brasileiro (WALKER, 2024). Em boa parte dos casos, os indivíduos infratores não foram identificados ou não houve manifestações para além das queixas. Tal circunstância provocou uma indignação no atleta, que protestou afirmando que não há ações ou punições concretas na La Liga para casos de crimes de ódio (KIRKLAND, 2024). Embora o presidente tenha um discurso contra a violência, é plausível questionar se há um interesse real em punir os acusados de crime de ódio, uma vez que uma vasta parte dos torcedores acusados de xenofobia, antissemitismo, racismo, e LGBTQIA+, passam de forma impune perante a justiça espanhola.

Questiona-se, também, a eficácia da Lei 19/2009. Para Monserrat (2015), a Lei conseguiu melhorar alguns aspectos relacionados à violência, ainda que os riscos oscilem sem um padrão aparente, mas em outras áreas não é notada uma melhoria significativa. Viñas (2023) destaca um possível interesse velado do presidente da La Liga em estreitar os laços comerciais do futebol, dessa forma, necessitando realizar um processo pacificador em que os espaços futebolísticos não sejam tão diretamente associados à violência que implica a expulsão dos grupos ultras; no entanto, como mencionado anteriormente, os crimes de ódio ainda são relativizados, diminuídos e cada vez mais presentes nos estádios.

De maneira semelhante a que Tebas se utiliza dos episódios de violência para endossar o processo de erradicar a presença dos ultras dos estádios, destacamos um elemento relevante para o aumento da popularidade da extrema direita, o uso do *medo* na agenda discursiva do Vox. Bretones e Martí (2023) argumentam que a construção de ameaças e inimigos é indispensável para a construção do medo que angaria o sucesso do Vox nas eleições parlamentares de 2019, a exemplo do “medo de ter a casa ocupada, medo das pessoas roubarem, medo de que os imigrantes tomem o emprego, medo de que os mulçumanos tomem o emprego”.

Observa-se, assim, uma correlação expressiva no que concerne ao aumento da popularidade do Vox e o ressurgimento da radicalização dos grupos ultras. Frequentemente associado à violência e a politização ao longo dos anos 80 ao início do século XX, agora se revela sob um contexto em que os valores anti imigratórios, xenofóbicos, racistas, machistas e antisemitas são pactuados por figuras políticas que ocupam assentos parlamentares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se esforçou em compreender como a nova extrema direita pode impactar não somente eleições, mas também os espaços futebolísticos e especialmente no que tange aos torcedores que se organizam em coletivos, neste caso, os grupos ultras na Espanha, para além da literatura sobre torcidas que focam exclusivamente no aspecto violento desses grupos e elaborando uma retórica crítica acerca das inclinações políticas desses grupos.

A fundamentação teórica nos permitiu explorar diversas nuances desde como os países podem ser internacionalmente vistos a partir de uma concepção originada no futebol, como as eleições nacionais podem afetar as dinâmicas de torcida, e como as tendências mundiais reverberam dinâmicas sociais à exemplo do entendimento do hooliganismo como fenômeno transnacional. Ainda que a presença dos ultras representasse um grande risco para a parcela da torcida que frequenta os estádios para desfrutar do espetáculo futebolístico, considerar que esse comportamento é advindo ou restrito ao futebol parece um equívoco.

Punir as torcidas do estádio se mostrou uma decisão rasa, visto que grupos como o Boxois Nois, por exemplo, passou a dismantelar e tecer cumplicidades para além dos arredores do Camp Nou (BUENO, 2021). Tampouco os Ultras Sur romperam com suas aparições nos estádios, mantendo-se ativamente engajados em episódios de violência e crimes de ódio. A agitação política que endossa comportamentos de caráter racista, xenofóbico e antissemita parece ter uma capacidade de reverberação maior dentro dos grupos que a violência gratuita, além da dificuldade por parte das instituições policiais em identificar os agentes de atos de ódio que, através da impunidade, contribui para o fomento de tais comportamentos.

Apesar de haver um debate acerca da ‘excepcionalidade espanhola’ quanto à ausência de partidos de extrema direita na Espanha, é possível afirmar que a ideologia se fez com uma ‘presença ausente’ (CASALS, 2000), uma vez que em maior ou menor medida, a extrema direita nunca foi totalmente erradicada no país. As expressões dos Ultras Sur, Boxois Nois e outros grupos da ala radical espanhola mesmo antes da ascensão do Vox também evidenciam a presença ausente. Como debatido no trabalho, as simbologias com aceno ao nazismo e ao fascismo se fizeram presentes desde o início da década de 80.

Diversos veículos de imprensa como o El País, a ESPN, Marca e AS, têm noticiado o ressurgimento dos grupos ultras quase nos mesmos moldes que o início da década dos anos 80, quando teve o seu auge. Com base na presente pesquisa, constatamos que não há somente o ressurgimento dos Ultras Sur e do Boxois Nois, mas que o legado e que as recentes aparições dos grupos são fortalecidas pelos discursos difundidos pela extrema direita espanhola, tendo

como principal partido político o Vox, além dos seus apoiadores, tendo como figura central o Javier Tebas. Demonstrando, de tal maneira, o potencial de irradiação de suas ideologias para outros grupos ultras ao longo da Espanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- ABRAHAMSEN, Rita et al. Confronting the International Political Sociology of the New Right. **International Political Sociology**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 94-107, 11 fev. 2020. Oxford University Press (OUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/ips/olaa001>. Acesso em: 20 set. 2024.
- ADLER-NISSEN, Rebecca. Stigma management in international relations: Transgressive identities, norms, and order in international society. **International Organization**, v. 68, n. 1, p. 143-176, 2014.
- ADORNO, Theodor. **Aspectos do Novo Radicalismo de Direita**. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Unesp, 2020.
- ÁLVAREZ-BENAVIDES, Antonio. Elementos para el análisis de una nueva extrema derecha española. **Movimientos sociales, acción colectiva y cambio social en perspectiva. Continuidades y cambios en el estudio de los movimientos sociales**. Abadiño: Fundación Betiko, p. 59-69, 2019.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARMSTRONG, D.; FARRELL, T.; LAMBERT, H. **International Law and International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- LA POLÍCIA investiga una pancarta de Ultrasur: "Ana Frank es del Atleti". **AS**. Madrid, 31 jan. 2023. Disponível em: https://as.com/futbol/copa_del_rey/la-policia-investiga-una-pancarta-de-ultrasur-ana-frank-es-del-atleti-n/. Acesso em: 6 set. 2024.
- A REAÇÃO de Milei aos cantos racistas da seleção argentina contra jogadores da França: 'Ninguém vai dizer o que a campeã do mundo pode fazer'. **BBC News Brasil**, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c880x3xd974o>. Acesso em: 5 out. 2024.
- BIGO, Didier. International political sociology. In: **Security Studies**. New York: Routledge, 2008. p. 140-154.
- BOTAFOGO. Estádio Nilton Santos - Informações. Disponível em: <https://www.botafogo.com.br/estadioniltonsantos/informacoes.php>. Acesso em: 29 fev. 2024.

- BRETONES, María Trinidad; MARTÍ, Miquel Domínguez. La presencia del miedo y la construcción de enemigos en el discurso de Vox en 2019. **Anuario del Conflicto Social**, n. 14, 2023.
- CALLEJA, Eduardo González. El Real Madrid, ¿ “Equipo del Régimen”? Fútbol y política durante el Franquismo. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 14, 2010.
- CAMARGO, Alan Gabriel; JUNQUEIRA, Cairo Gabriel Borges. A teoria neoliberal nas relações internacionais: o tripé institucional e o papel do estado. **Revista O debatedouro**, v. 2, ed. 83, Agosto, 2013, pp. 20-24.
- CASO VINI JR.: os laços do presidente da La Liga com a extrema direita. **Veja**, 09 out. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/caso-vini-jr-os-lacos-do-presidente-da-la-liga-com-a-extrema-direita/>. Acesso em: 7 set. 2024.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Cadastro Nacional de Estádios de Futebol. Rio de Janeiro: CBF, 2016. Acesso em: 1 mar. 2024. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/cadastro-nacional-de-estdios-do-brasil-2016/57340207>
- DA MOTA CORDEIRO, Wesley; DE OLIVEIRA, Jonathan Rocha; CAPRARO, André Mendes. Argentina e Inglaterra: adversários para além das quatro linhas? O uso midiático da Guerra das Ilhas Malvinas na Copa do Mundo de 1986. **Revista Brasileira de História**, v. 36, n. 72, p. 251-274, 2016.
- DAHL, Robert Alan. De la démocratie délibérative. **Le débat**, v. 97, n. 5, p. 83-89, 1997.
- DOIDGE, Mark; KOSSAKOWSKI, Radosław; MINTERT, Svenja. Ultras: The passion and performance of contemporary football fandom. In: **Ultras**. Londres: Manchester University Press, 2020.
- DOUGHERTY, James E; PFALTZGRAFF JR, Robert L. **Relações Internacionais: as teorias em confronto**. Lisboa: Gradiva, 2003.
- EL MADRID, Contra Los Ultras Sur. **El País**, 02 dez. 2014. Disponível em: https://elpais.com/deportes/2014/12/02/actualidad/1417534928_697604.html. Acesso em: 09 out. 2024.
- FAR-RIGHT Spanish political party Vox: What are its policies? **El País**, 3 dez. 2018. Disponível em: https://english.elpais.com/elpais/2018/12/03/inenglish/1543832942_674971.html. Acesso em: 10 out. 2024.
- OPERACIÓN contra un grupo neonazi ligado a los Boixos Nois por tráfico de drogas. **El País**, 02 nov. 2021. Disponível em: <https://elpais.com/espana/catalunya/2021-11->

[02/operacion-contr-un-grupo-neonazi-ligado-a-los-boixos-nois-por-trafico-de-drogas.html](https://www.elpais.com.ar/2024/07/02/operacion-contr-un-grupo-neonazi-ligado-a-los-boixos-nois-por-trafico-de-drogas.html).

Acesso em: 9 set. 2024.

ESTÁDIO DO MARACANÃ. Espaços e Eventos no Maracanã. Disponível em:

<https://www.estadiodomaracana.com.br/espacos-e-eventos-no-maracana/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

FAYE, Guillaume. **Archeofuturism: European visions of the post-catastrophic age**. Londres: Arktos, 2010.

FC BARCELONA. Página oficial do FC Barcelona. Barcelona, 2024. Disponível em:

<https://www.fcbarcelona.com/en/>. Acesso em: 14 out. 2024.

FERREIRA, Daniel Vinicius. O futebol e as lealdades: simpáticos e românticos. **Ludopédio**, São Paulo, v. 108, n. 37, 2018.

FIGOLS, Victor de Leonardo. **FC Barcelona: Entre o Global e o Regional (1988-1999)**. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos.

FLORENZANO, José Paulo. “A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras”. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GARCÍA CABA, Miguel María: “La Comisión Estatal contra la Violencia, el Racismo, la Xenofobia y la intolerancia en el deporte”. **En Comentarios a la Ley contra la violencia, el racismo, la xenofobia y la intolerancia en el deporte**. Disponível em:

<https://www.csd.gob.es/es/csd/organos-colegiados/comision-estatal-contr-la-violencia-el-racismo-la-xenofobia-y-la-intolerancia-en-el-deporte>

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GERHADT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas SA, 2002.

GIMÉNEZ-SALINAS Framis, Andrea; LANDA Gorostiza, Jon-Mirena; FERNÁNDEZ Ogallar, Beatriz; GORDON Benito, Iñigo; MARTÍN Silva, Uxue; MONTOYA Baños, Maider. **Análisis de casos y sentencias en materia de racismo, xenofobia, LGTBifobia y otras formas de intolerância 2018-2022**. Madrid: Ministerio de Inclusión, Seguridad Social y Migraciones, 2023. Disponível em: <https://www.inclusion.gob.es/oberaxe/es/index.htm>.

Acesso em: 27 set. 2024.

GIMÉNEZ-SALINAS Framis, Andrea; PÉREZ Manzano, Mercedes; CANCIO Meliá, Manuel; DÍAZ López, Juan Alberto; JORDÁ Sanz, Carmen; DÍAZ Izquierdo, Paloma.

Análisis de casos y sentencias en materia de racismo, xenofobia, LGTBifobia y otras formas de intolerância 2014-2017. Madrid: Ministerio de Trabajo, Migraciones y Seguridad Social, 2019. Disponível em: <https://www.mitramiss.gob.es/oberaxe/index.htm>. Acesso em:

27 set. 2024.

CONTRA racismo, Vini Jr. pede Copa do Mundo de 2030 fora da Espanha se não evoluírem.

Globo Esporte, 4 set. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/09/04/contra-racismo-vini-jr-pede-copa-do-mundo-de-2030-fora-da-espanha-se-nao-evoluirem.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

GOIG, Ramón Llopis. Identity, nation-state and football in Spain. the evolution of nationalist feelings in Spanish Football. **Soccer & Society**, v. 9, n. 1, p. 56-63, 2008.

GONZÁLEZ AJA, Teresa (ed.). **Sport y Autoritarismos – la utilización del deporte por el comunismo y el fascismo**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

GUIBERNAU, Montserrat. **Catalan nationalism: Francoism, transition and democracy**. London: Routledge, 2004.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.) **Resistance Through Rituals**. Youth subcultures in post-war Britain London: Hutchinson; Birmingham: The Center of Contemporary Cultural Studies from the University of Birmingham, 1975.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

HOBBSAWM, Eric. **Introdução: A invenção das tradições**. In: HOBBSAWM, Eric;

RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. **Panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ISMER, Sven. Embodying the nation: football, emotions and the construction of collective identity. **Nationalities Papers**, v. 39, n. 4, p. 547-565, 2011.

- KIRBY, Paul. Por que maior vitória da direita radical em eleição na Alemanha desde o nazismo é histórica. **BBC News**. 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y2n3357no>. Acesso em: 10 out. 2024.
- KURZ, Robert. **A democracia devora os seus filhos**. Rio de Janeiro: **Consequência**, 2020.
- MARCHI, Riccardo; BRUNO, Guido. A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados. *Relações Internacionais*, Lisboa, v. 50, Jun. 2016. p. 39-56. Disponível em: Repositório do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa: A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados (iscte-iul.pt). Acesso em: 8 ago. 2024.
- MIGUEL, Luis Felipe. Despolitização e antipolítica: a extrema-direita na crise da democracia. *Revista Argumentum*, Vitória, v. 13, n. 2, mai./ago 2021.
- MIGUEL, Raúl. Boixos Nois: uma marca para a intimidação. **El País**, Madrid, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://elpais.com/espana/catalunya/2021-11-25/boixos-nois-una-marca-para-la-intimidacion.html>. Acesso em: 8 set. 2024.
- MIGUEL, Raúl. Como Laporta y Florentino acabaron con los ultras. **El País**, Madrid, 6 out. 2024. Disponível em: <https://elpais.com/deportes/futbol/2024-10-06/como-laporta-y-florentino-acabaron-con-los-ultras.html>. Acesso em: 8 set. 2024.
- MONTANARI, Francesco. Real Madrid's Ultras at Braga: A Story of Power and Pride. **The New York Times**, Nova Iorque, 29 out. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/athletic/5009499/2023/10/29/real-madrid-ultras-sur-braga/>. Acesso em: 1 out. 2024.
- MONTENEGRO, Nara Romero. A voz de um gol: a narração de Víctor Hugo Morales do RAXEN, Informe. Racismo y Violencia Ultra en el Fútbol. Madrid, **Movimiento contra la Intolerancia**, 2015.
- MUDDE, Cas. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: **EdUERJ**, 2022.
- NETO, Odilon Caldeira. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.
- NOGUEIRA, João Pontes; YAMATO, Roberto Vilchez (orgs.). *Sociologia Política Internacional & Pensamento Crítico nas Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2024.
- PAXTON, Robert O. **Anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

- RAMA, José; CORDERO, Guillermo; ZAGÓRSKI, Piotr. Three is a Crowd? Podemos, Ciudadanos, and Vox: The end of bipartisanship in Spain. **Frontiers in political science**, v. 3, p. 688130, 2021.
- REAL MADRID. History of Football. Disponível em: <https://www.realmadrid.com/en-US/the-club/history/football>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- ROMÃO, Filipe Luís de Vasconcelos. O fim do bipartidarismo em Espanha. Lisboa: Editora OBSERVARE, 2017.
- SÁEZ, Faustino. EL PAÍS. El día que se apagó la bombilla de Raúl. **El País**, 02 dez. 2014. Disponível em: https://elpais.com/deportes/2014/12/02/actualidad/1417534928_697604.html. Acesso em: 16 set. 2024.
- SCHUMPETER, Joseph A. The meaning of rationality in the social sciences. *Zeitschrift für die gesamte Staatswissenschaft*. **Journal of Institutional and Theoretical Economics**, n. H. 4, p. 577-593, 1984.
- SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **Relações internacionais**. ~Barueri: Editora Manole Ltda, 2004.
- SHAW, Duncan. Fútbol y franquismo. 1987.
- SPAAIJ, Ramón. **Understanding football hooliganism: A comparison of six Western European football clubs**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006.
- SPAAIJ, Ramón; VIÑAS, Carles. Passion, politics and violence: A socio-historical analysis of Spanish ultras. **Soccer & Society**, v. 6, n. 1, p. 79-96, 2005.
- SUPPO, H. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. **Contexto Internacional**, v. 34, n. 2, p. 397-433, 2012.
- TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita**. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.
- VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, poder e relações internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.
- VIÑAS, Carles. **Ultras: los radicales del fútbol español**. 1. ed. Barcelona: Bellaterra, 2023.
- WELDES, Jutta. **Constructing national interests: The United States and the Cuban missile crisis**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1999.
- WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- WESTBY, David. **Ultras in Spain: A Study on the Relationship Between Macro-level Cleavages and Micro-level Actors**. An honors thesis for the Department of Political Science. Tufts University, 2017.

YOUTUBE Brasil. Gol de Maradona contra Inglaterra '86. 2007. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Y9KctUnU9WM&t=7s>. Acesso em: 5 ago. 2024.